

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
– MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

Tagiani Brizolla Duarte de Moura

**Educação e produção de verdades sobre os jovens que vivem em periferias por meio de
matérias do jornal O Globo: tensionamentos a partir do Estudos Culturais**

Santa Cruz do Sul
2022

Tagiani Brizolla Duarte de Moura

Educação e produção de verdades sobre os jovens que vivem em periferias por meio de matérias do jornal O Globo: tensionamentos a partir do Estudos Culturais

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado, Área de Concentração em Educação, Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza.

Santa Cruz do Sul

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Goulart, Tagiani

Educação e produção de verdades sobre os jovens que vivem em periferias por meio de matérias do jornal O Globo: tensionamentos a partir do Estudos Culturais / Tagiani Goulart. – 2022.

53 f. : il. ; 4 cm.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2022.

Orientação: Prof. Dr. Camilo de Souza .

1. Jovens de Periferias . 2. Pedagogias Culturais e Subjetivação. 3. Educação e mídia . 4. Oportunidades e superação. 5. Violência, precariedade e políticas públicas. I. de Souza , Camilo . II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UNISC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Tagiani Brizolla Duarte de Moura

Educação e produção de verdades sobre os jovens que vivem em periferias por meio de matérias do jornal O Globo: tensionamentos a partir do Estudos Culturais

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado; Área de Concentração em Educação; Linha de Pesquisa em Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito para obtenção do título de Mestra em Educação.

Dr. Camilo Darsie de Souza
Professor Orientador - UNISC

Dra. Cristianne Maria Famer Rocha
Professora Examinadora - UFRGS

Dra. Vera Elenei da Costa Somavilla
Professora Examinadora - UNISC

Dra. Betina Hillesheim
Professora Examinadora - UNISC

Santa Cruz do Sul

2022

Resumo

Partindo do reconhecimento das desigualdades sociais que caracterizam o Brasil, mais precisamente, no que se refere à divisão entre jovens que vivem nas periferias e aqueles que se encontram em áreas consideradas centrais, busca-se entender como os jovens de periferias são representados em narrativas midiáticas jornalísticas, apoiando-me no jornal O Globo e no campo dos Estudos Culturais. Entende-se que os produtos midiáticos ao descreverem e discutirem seus diversos temas, não apenas retratam realidades, mas, de forma mais complexa, educam e produzem verdades a partir do que publicam. Assim, o problema de pesquisa pauta-se na seguinte pergunta: *Como e quais verdades, sobre os jovens de periferia, são produzidas por meio de reportagens do jornal O Globo?* A investigação foi realizada a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, sustentada pela leitura de 40 reportagens do jornal, publicadas entre 2017 e 2022, em sua versão digital online. Para o suporte das discussões foram utilizados autores que discorrem sobre a articulação entre a educação e a mídia e, ainda, sobre as condições que cercam os jovens que vivem em periferias brasileiras. Partindo disso, identifica-se que os jovens, nas matérias jornalísticas, são frequentemente associados à necessidade de superação de suas dificuldades a partir da lógica do empreendedorismo, ou à violência, que envolve o cotidiano dos lugares em que vivem. Neste sentido, destaca-se que o desequilíbrio das políticas públicas produz vulnerabilidades, contudo, as matérias operam no sentido de valorizar as ações sociais e os movimentos individuais como possibilidades de transformação de vida.

PALAVRAS CHAVES: Jovens de Periferias; Desigualdade social.

Abstract

Starting from the recognition of the social inequalities that characterize Brazil, more precisely, about the division between young people who live in the periphery and those who are in areas considered central, it seeks to understand how young people from the periphery are represented in media narratives. Journalistic activities, relying on the newspaper O Globo and on the field of Cultural Studies. It is understood that media products, when describing and discussing their various themes, not only portray realities, but, in a more complex way, educate and produce truths from what they publish. Thus, the research problem is based on the following question: *How and which truths about young people from the periphery are produced through reports from the newspaper O Globo?* The investigation was carried out from the perspective of Cultural Studies, supported by reading 40 newspaper reports, published between 2017 and 2022, in their online digital version. To support the discussions, authors were used who talk about the articulation between education and the media, and also about the conditions that surround young people living in Brazilian peripheries. Based on this, it is identified that young people, in journalistic articles, are often associated with the need to overcome their difficulties from the logic of entrepreneurship, or with violence, which involves the daily life of the places where they live. In this sense, it is emphasized that the imbalance of public policies produces vulnerabilities, however, the matters operate in the sense of valuing social actions and individual movements as possibilities for transforming life.

KEYWORDS: Young People from Peripheries; Social inequality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
2. PERSPECTIVA ANALÍTICA	10
2.1 Os Estudos Culturais	10
2.2 A Produção de Verdades	13
2.3 Jornal o Globo	15
2.3.1 A Produção dos Dados.....	16
3. EDUCAÇÃO E MÍDIA	21
3.1 Pedagogias Culturais e Subjetivação	22
3.2 A mídia como produtora de verdades: dispositivo pedagógico da mídia	25
4. JOVENS DE PERIFERIA	26
4.1. Quem sou eu?	27
4.2 Oportunidades e superação	32
4.3 Violência, precariedade e políticas públicas.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

Certamente, minha história, acerca de quem sou, não estará descrita em uma matéria de jornal como as dos jovens que são apresentadas ao longo da dissertação. No entanto, pensando na perspectiva dos Estudos Culturais, a descrevo aqui, de modo a sinalizar as experiências que me produziram enquanto sujeito pesquisador e, conseqüentemente, envolvem as minhas intenções de pesquisa.

Durante muito tempo, não imaginava que eu me tornaria uma pesquisadora e estudiosa da área da Educação. Não considerava a relevância de muitos assuntos que hoje considero fundamentais, como aqueles que envolvem as desigualdades social, racial, de gênero, entre outras. Nasci em uma família de classe média, branca e que me oportunizou estudar em escolas da região central da cidade. Não costumava me preocupar com realidades diferentes da minha. Entre meus amigos, predominantemente brancos e de classe média, não discutimos tais assuntos o que me fez pensar que outras realidades não existiam.

Até escutava falar e lia sobre as crises humanitárias e sociais que afetam o nosso país, mas na minha perspectiva, que pode parecer ingênua, pensava que estes problemas estavam localizados apenas nas grandes capitais, com grandes populações. A cidade em que moro, até hoje, contém 23 mil habitantes e é regida pela agricultura, sendo considerada uma das cidades referência no que se refere à produção de tabaco. Na escola, quando aprendi a história do município, foi enfatizada a potência econômica e cultural da nossa cidade e, assim, ninguém falava em desigualdades sociais.

No entanto, o maior choque de realidade que vivi, ocorreu no momento em que ingressei na Universidade. Foi quando entendi que muitos problemas sociais aconteciam, de fato, ao meu redor. As desconstruções começaram a surtir efeito no momento em que comecei a me questionar sobre os motivos que faziam com que essas problemáticas e temas não tenham sido debatidos em meu meio social. Às vezes me pergunto, por onde estive em todos esses anos? No período escolar, esses assuntos passaram despercebidos. A falta de debates na minha cidade, camuflando alguns temas ocorria, como se eles não existissem, como se tudo fosse perfeito.

Por muito tempo me senti enquanto uma estudante de psicologia que entrou na faculdade com o propósito de ingressar na área organizacional, que se via trabalhando em um escritório, em uma grande empresa multinacional. Esse era meu sonho inicial, ser uma executiva. Mas como a vida é cheia de surpresas, me deparei, no primeiro semestre, com uma bolsa de extensão comunitária para atuar no Núcleo de Ação Comunitária (NAC). Esta bolsa considerava o

trabalho direto com a população em situação de vulnerabilidade social, em Santa Cruz do Sul. Foi nesse momento que conheci e tive o primeiro contato com a psicologia social e comunitária que, até o momento, era totalmente desconhecida por mim, mas, que, no entanto, se tornou uma área de grande apreço e identificação acadêmica. Com essa quebra de paradigmas, a educação também começou a ser outra possibilidade minha de atuação e estudos.

Nesta época, me tornei ativista das políticas públicas e defensora da psicologia escolar. A escola começou a ser vista por meio de seu potencial de transformação e construção de pensamento crítico. Nas minhas escolas de atuação (rede privada), como psicóloga escolar, pude perceber que os alunos negros que as frequentavam representavam 1% de toda a rede escolar.

Atualmente, trabalho em uma instituição social, voltada para o meio social e educacional, no qual leciono no contexto do curso profissionalizante para jovens do meio rural, como educadora social. Tal situação me provocou a entender melhor as temáticas que abordo em sala de aula, entre elas, as condições em que vivem os jovens de periferia no Brasil.

Nessa pesquisa, parto do reconhecimento das desigualdades sociais que caracterizam o Brasil, mais precisamente, no que se refere à divisão entre jovens que vivem nas periferias e aqueles que se encontram em áreas consideradas centrais. Diante disso, busco entender como os jovens de periferias são representados em narrativas midiáticas jornalísticas, apoiando-me no jornal O Globo e no campo dos Estudos Culturais.

Entendo que os produtos midiáticos ao descreverem e discutirem seus diversos temas, não apenas retratam realidades, mas, de forma mais complexa, educam e produzem verdades a partir do que publicam. Portanto, o problema de pesquisa pauta-se na seguinte pergunta: *Como e quais verdades, sobre os jovens de periferia, são produzidas por meio de reportagens do jornal O Globo?*

A investigação foi realizada a partir da perspectiva dos Estudos Culturais, sustentada pela leitura de 40 reportagens do jornal, publicadas entre 2017 e 2022, em sua versão digital online. Para o suporte das discussões, foram utilizados autores que discorrem sobre a Articulação entre a educação e a mídia e, ainda, sobre as condições que cercam os jovens que vivem em periferias brasileiras.

No capítulo que segue, apresento, primeiramente, o campo dos Estudos Culturais, tendo em vista que serviu como norte teórico-metodológico para as discussões que desenvolvi. Sequencialmente, no mesmo capítulo, discorro sobre a noção de produção de verdades e apresento o site do Jornal o Globo, bem como os títulos das matérias que fiz uso. No próximo capítulo, apresento considerações teóricas sobre a aproximação das áreas da educação e da mídia, de modo a demarcar o modo como as diferentes mídias operam nos processos de educação ao interpelarem sujeitos por meio de seus conteúdos. Sequencialmente, tenciono o material analisado, discutindo as verdades que são produzidas a partir das matérias jornalísticas.

2. PERSPECTIVA ANALÍTICA

Nesta dissertação de Mestrado, faço uso dos pressupostos teóricos e metodológicos que envolvem o campo dos Estudos Culturais. Por meio deles, problematizo a produção de verdades sobre os jovens que vivem em periferias brasileiras. Mais precisamente, utilizo matérias publicadas pelo jornal O Globo, com o objetivo de destacar alguns dos modos como seus estilos de vida são descritos, posicionados e produzidos por meio de matérias jornalísticas que circulam por meio de diferentes mídias. Assim, neste capítulo, explico o que são os Estudos Culturais, o que entendo por produção de verdades e, ainda, apresento os materiais que foram utilizados na investigação.

2.1 Os Estudos Culturais

O campo dos Estudos Culturais deriva de uma corrente de estudos chamada levíssimo, associada aos trabalhos de Frank Raymond Leavis, crítico literário que buscou disseminar conhecimentos da literatura no sistema educacional inglês, atingindo todas as classes sociais, baseado na tradição da alta cultura (PRYSTHON, 2010). Sua ideia pautava-se na introdução, em todas as escolas, de livros e conhecimentos considerados tradicionais para que as comunidades entendidas como menos letradas ou mais carentes tivessem oportunidades de acessar as obras que sustentavam a cultura inglesa. Foi a partir disso que o encontro entre a cultura popular e a cultura considerada mais nobre fortaleceu a emergência de novas reflexões e movimentos de mudanças acadêmicas.

Na cidade de Londres, ao mesmo tempo, movimentos políticos e teóricos de transformação educacional ganhavam impulso, de modo articulado, estabelecendo o rompimento da ideia de separação entre aquilo que se entendia como alta e baixa cultura.

Também, colocavam sob tensão a noção de disciplinas enquanto territórios de conhecimentos, pois promoviam a possibilidade de transformações intelectuais que considerassem a interação entre diferentes saberes, de modo a entendê-los como parte das sociedades e não apenas dos círculos acadêmicos. Associado a isso, no final dos anos de 1950, três textos se engajaram nessa direção e se tornaram reconhecidos propulsores dos Estudos Culturais: *The Uses of Literacy* (1957), de Richard Hoggart, *Culture and Society* (1958) de Raymond Williams com e *The Making of the English Working-class* (1963) de Edward Palmer Thompson.

Richard Hoggart, focou sua atenção sobre os materiais culturais que envolviam a chamada cultura popular e os meios de comunicação de massa, através de metodologia qualitativa. Seu trabalho analisou o olhar popular, não focando apenas na submissão da sociedade aos meios culturais, mas, também, nos movimentos de resistência emergentes em seu interior. O autor, neste contexto, tratou da vida cultural da classe trabalhadora. Raymond Williams se destacou a partir da abordagem da história literária inglesa, reforçando a ideia de que a cultura é uma categoria chave que conecta a análise literária à investigação social. Thompson influenciou o desenvolvimento da história social britânica a partir da tradição marxista. Os pensamentos dos autores sobre a cultura compreendiam uma rede vivida de práticas e relações sustentadas pela vida cotidiana, com ênfase nos indivíduos (ESCOSTEGUY, 2001).

Foi então que, conforme apontam Carvalho e Escosteguy (2010), os Estudos Culturais surgiram, oficialmente, por meio do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), fundado por Richard Hoggart, em 1964. O Centro associou-se ao Departamento de Inglês, da Universidade de Birmingham, constituindo-se como um núcleo de pesquisa de pós-graduação baseado na transformação dos valores tradicionais que envolviam a classe operária inglesa no período pós-guerra. O principal foco de discussão do CCCS foram as relações entre a cultura e a sociedade, considerando a relevância das instituições e das práticas culturais, assim como de suas relações com a sociedade.

Partindo disso, os Estudos Culturais necessitam ser tomados pelo ponto de vista político, pois sua teoria emergiu para construir um novo campo de pesquisa direcionado a derrubar fronteiras entre áreas e valorações do conhecimento (ESCOSTEGUY, 1998). A visão teórica do campo baseia-se na cultura popular e na inconformidade acerca de algumas limitações teórico-metodológicas, tornando diversas discussões acadêmicas interdisciplinares, em contraponto à ideia de se tornar uma nova disciplina. Isso significa que os Estudos Culturais não almejam o estabelecimento de normas que os delimitem enquanto disciplina, mas, em outra direção,

compõem um campo de problematização emergente do ponto de intersecção das fronteiras disciplinares. Conforme destaca Hall (1980), “Os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade” (p. 7).

De acordo com Bonina et al. (2020), os Estudos Culturais devem ser entendidos como um conjunto de saberes "nômades, polimórficos, transgressivos, antropofágicos e plurais", que se encontram localizados no que pode ser chamado de zona de marginalidade. Por meio deles, pesquisadores analisam e tencionam os aspectos culturais das sociedades contemporâneas. Nessa direção, a autora propõe que seus praticantes busquem se opor - por meio de Problematizações - às verdades que se encontram cristalizadas em diferentes campos do saber e que dão forma aos contextos sociais, acadêmicos e escolares.

Diante disso, entende-se que operar na perspectiva dos Estudos Culturais requer engajamento junto às dinâmicas culturais sem que se busque, frente aos desafios encontrados, soluções imediatistas ou generalistas. Para além, os pesquisadores associados a este campo de estudos se preocupam "com a indicação de tais problemáticas, com o mapeamento de suas condições de possibilidade, com a investigação dos modos ou das circunstâncias de sua emergência, bem como das práticas e dos sujeitos implicados em tais problemáticas, sendo essas as ações políticas com as quais tais estudos, predominantemente, se ocupam" (BONIN et al., 2020, p. 3).

Destaco, portanto, que as narrativas realizadas por veículos de comunicação ou áreas rígidas do conhecimento, por exemplo, sobre os jovens que vivem nas periferias costumam destacar alguns pontos em comum: pobreza, raça, violência, etc. Associado a isso, na maioria dos casos, frisam-se as vulnerabilidades às quais tais jovens são submetidos e os possíveis resultados desta situação. Em outra direção, contudo, alguns pesquisadores têm problematizado a temática, por meio do campo dos Estudos Culturais ou inspirados por seus pressupostos, no sentido de destacarem os modos como tais questões não apenas retratam "realidades", mas as produzem.

Machado e Kuhn (2015), por exemplo, traçam os perfis dos jovens que poderão, de acordo com as narrativas mais comuns, se envolverem no tráfico de drogas - negros e pobres - ressaltando que esses jovens passam a ser vistos socialmente e juridicamente como delinquentes. Guareschi et al. (2003), por meio de pesquisa em que realizaram um levantamento de dados sobre um grupo de jovens de periferia, identificando as formas como são caracterizados, ressaltam que tais sujeitos parecem ser colocados em uma mesma peneira, como se todos fossem iguais. Os autores apontam que, a partir disso, fortalece-se uma ideia de identidade coletiva que é marcada pela marginalidade, criminalidade e periculosidade. Destaco,

ainda, outros pesquisadores que tratam da temática, como: Coimbra (2005), Sousa (2005), Lemos et al (2017). Eles abordam a precariedade de políticas públicas, a construção da caracterização destes jovens como bandidos, vadios e perigosos e problematizam tais marcadores culturais.

É partindo desta ideia de marcadores culturais que discuto os modos como as verdades que envolvem os jovens de periferia, no Brasil são produzidas. Entendo que a frequente circulação de notícias que relatam seus estilos de vida orienta modos de pensar sobre suas capacidades, aptidões e possíveis destinos. De acordo com os pressupostos teóricos que assumo, aquilo que é dito, escrito e que circula culturalmente - interpelando sujeitos - não apenas descreve as maneiras como jovens se inserem nas sociedades, mas, de modo mais complexo, produzem - e limitam - as posições de sujeito que ocupam, tanto para eles quanto para os outros.

Partindo disso, tenciono as verdades produzidas pelos meios de comunicação acerca de jovens que vivem nas periferias brasileiras, entendendo que seja relevante colocar sob suspeita as narrativas que descrevem tais jovens e que interpelam as sociedades, produzindo os significados que lhes envolvem. Conforme apontado por Souza (2011), é fundamental que se considere que os Estudos Culturais almejam produzir conhecimentos úteis em relação aos contextos em que são desenvolvidas as investigações feitas sob seus preceitos e não verdades absolutas sobre determinados temas. Assim, não busco apresentar verdades conclusivas, já que as pesquisas feitas nessa área visam relacionar e revisar questões referentes aos objetos de estudo escolhidos pelos pesquisadores. Intento, nessa direção, discutir questões que possam ser colocadas em circulação, tensionadas, reorganizadas e que sirvam como disparadores para reflexões sobre o tema.

Destaco, ainda, que recentemente, no contexto brasileiro, os Estudos Culturais têm sido associados a diferentes áreas de investigação, por sua capacidade de articulação entre as prerrogativas disciplinares e, portanto, aproximo as áreas da Educação e da Mídia como forma de discutir a temática, a partir de ferramentas teórico-metodológicas de diferentes campos.

2.2 A Produção de Verdades

Tendo em vista a possibilidade de transitar entre disciplinas e autores, a partir dos Estudos Culturais, me apoio na noção de produção de verdades, desenvolvida por Michel Foucault (2013). Para ele, a verdade é resultado de jogos que a produzem e a reproduzem, por meio das relações de força reguladas pelo poder. Cabe a nós, pesquisadores, portanto, o trabalho de tencionar os jogos de verdade "pela leitura crítica e insistente de suas modalidades de

formação, de cristalização e de enraizamento nas individualidades, para que possa enunciar outros jogos de verdade", assim como fez o autor (BIRMAN, 2002, p. 308)

A verdade é um fio condutor do pensamento foucaultiano, porém, conforme apontado por Candiotti (2006), é necessário se distanciar dos privilégios do sujeito de conhecimento para debruçar-se na produção histórica da verdade. Isso significa salientar a "enunciação de discursos que funcionam entre diferentes práticas como justificação racional de verdade, como se fossem verdadeiros" (p.66). Na história crítica da verdade não existe objeto e sujeito como universais e fundamentais, pois eles assim se tornam a partir de dinâmicas que podem ser compostas por jogos teóricos e científicos, práticas sociais ou práticas de si. "O distanciamento do sujeito constituinte e do objeto empírico dado torna a problemática da verdade proposta pelo filósofo o modo de aplicação de uma história crítica do pensamento" (CANDIOTTO, 2006, p. 66).

Nesse contexto, acredito que ao tomar como tema de discussão as verdades que envolvem os jovens que vivem em periferias, insiro-me como espectadora dos jogos de verdade que os posicionam socialmente, os subjetivam e, ainda, que subjetivam os sujeitos que não vivem em periferias. Entendo que é fundamental, neste sentido, atentar às relações de poder que produzem os discursos sobre tais jovens, já que segundo Foucault (1979):

[...] a verdade não existe fora do poder ou sem poder. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (p. 12).

A produção de verdades e o discurso, portanto, estão interligados pelo fato que os discursos se fundamentam através de conhecimentos considerados verdadeiros, que se formulam mediante nossas vontades sobre a verdade, como a moral, práticas econômicas, literatura, prática da lei, teoria do direito, entre outros (FOUCAULT, 1979). Hennigen e Guareschi (2006) apresentam o discurso como um conjunto de enunciados firmados em uma formação discursiva. Os discursos podem ser entendidos como histórias que, encadeadas e enredadas entre si, se complementam, se justificam e se impõem a nós como regimes de verdade.

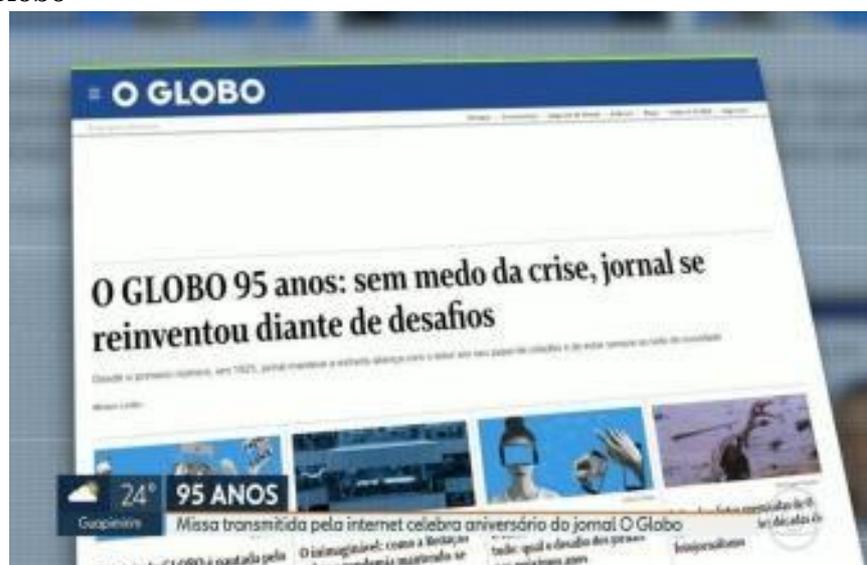
Um regime de verdade é constituído, portanto, por séries discursivas, famílias cujos enunciados (verdadeiros e não verdadeiros) estabelecem o pensável como um campo de possibilidades fora do qual nada faz sentido – pelo menos até que se estabeleçam outros regimes

de verdade. Cada um de nós ocupa, sempre, uma posição em uma rede discursiva de modo a ser constantemente interpelado por séries discursivas cujos enunciados encadeiam-se a muitos outros enunciados. Esse emaranhado de séries discursivas institui um conjunto de significados mais ou menos estáveis que, ao longo de um determinado período de tempo, funciona como um amplo domínio simbólico, no qual e através do qual damos sentido às nossas vidas. É essa dinâmica de dar sentido a algo que faz de nós uma espécie cultural (VEIGA NETO, 2000).

Para Foucault (2000a), o discurso não é um conjunto de signos, mas as formas diferentes de fala e de práticas que englobam os indivíduos. Segundo Martins (2021), os discursos e os meios sociais mostram-se aos sujeitos, dando-lhes acesso a diferentes categorias de discurso e educando populações. Foucault (2010) explica que todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que carregam consigo.

Nessa direção, Souza (2014) refere que os discursos, ao serem divulgados por diferentes mídias, oportunizam o entendimento e o uso de determinados conceitos e práticas que, anteriormente, se apresentavam restritos a determinados profissionais. Assim, eles passam a fazer parte do cotidiano de muitos indivíduos, operando no sentido de subjetivar sujeitos acerca daquilo sobre o que tratam. Partindo disso, entendo que as matérias apresentadas em jornais, a respeito de jovens que vivem em periferias operam criando, reforçando e recriando verdades sobre eles.

2.3 Jornal o Globo



(FONTE:<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/29/missa-celebra-95-anos-de-fundacao-do-jornal-o-globo.ghtml>).

Faço uso do Jornal O Globo, por meio de sua versão digital e disponibilizada *online*, como principal material empírico desta pesquisa. O Jornal é um dos mais influentes do Brasil, conforme a Associação Nacional de Jornais (2021), pois é o segundo jornal com mais alcance em nível nacional, tendo sido fundado no dia 29 de julho de 1925, na cidade do Rio de Janeiro. A empresa faz parte do Grupo Globo de Comunicações, considerada a maior instituição de mídia e comunicação do Brasil e da América Latina. Ela possui as seguintes empresas subsidiárias: Globo; Editora Globo (Jornal O Globo), Sistema Globo de Rádio e Globo Ventures. Atualmente, o jornal é distribuído de duas formas: física (jornal impresso) e *online* (site de notícias e redes sociais).

O jornal é dividido por colunas e, a partir delas, os leitores podem escolher as matérias por identificação e interesse. As colunas abrangem textos de entretenimento, política, esporte, saúde, cultura e opiniões de colunistas. O Globo no ano de 2021 superou a concorrência no que se refere ao número de visualizações de páginas. Além disso, atingiu uma média de 184,7 milhões de visualizações mensais, enquanto o jornal Folha de São Paulo aparece na segunda posição com média de 171,4 milhões (O GLOBO, 2021). Isso significa que as matérias que são divulgadas pelo jornal interpelam grande parte da população leitora do país, o que fortalece determinados modos de entender o mundo, visto que, conforme indicado anteriormente, fazem circular e reconfiguram as verdades sobre os temas que abordam.

O site que hospeda o jornal é interativo, mostrando aos leitores as diversas abas de notícias que o compõem, como o menu que leva a diversos conteúdos que podem ser selecionados intuitivamente e visualmente. Todos os dias, o site é alimentado com notícias e imagens que visam chamar a atenção dos leitores. Sobre isso, destaco que quando estava em processo de levantamento de dados, acessava o site frequentemente e via que as notícias eram atualizadas continuamente, em questão de segundos. Ainda, o site funciona através de atalhos, o que oportuniza que os leitores selecionem assuntos de preferência, os quais sugerem matérias jornalísticas interligadas. Outro ponto importante é que o jornal sempre traz temas diversificados nas páginas principais. Desta maneira, fiz usos dos recursos do site de modo a selecionar e avaliar o material que problematizo nos capítulos seguintes.

2.3.1 A Produção dos Dados

A produção e organização dos dados utilizados foram realizadas a partir do formato digital, *online*¹, levando-se em consideração os últimos 6 anos de reportagens sobre os jovens

de periferias. Os descritores dos quais fiz uso para a busca das matérias foram "jovens de periferias", "jovens e oportunidades", "homicídios e jovens", "tráfico de drogas". *Certamente, estas* palavras direcionaram a pesquisa para uma determinada perspectiva, contudo, as escolhi com base no referencial teórico que tive contato durante a investigação. Para conseguir realizar a pesquisa utilizou-se a plataforma virtual do jornal, no momento em que a pesquisa estava sendo realizada, foi feita a assinatura do jornal no período de desenvolvimento da pesquisa.

Após a realização de leitura atenta dos resultados emergentes da pesquisa por meio dos descritores mencionados, os títulos das matérias consideradas mais relevantes foram armazenados em uma planilha, formando um banco de dados do qual me servi durante as problematizações. Algumas reportagens, após a primeira busca, foram retiradas do ar, mas novas foram surgindo. Portanto, alguns textos selecionados, logo no início, precisaram ser descartados. Encontrei ao todo, após essa empreitada, 62 reportagens, das quais selecionei 40, de acordo com as temáticas que lhes envolviam e interessavam à discussão. Na planilha abaixo, apresento os títulos e os anos das reportagens que utilizei.

TÍTULO DA REPORTAGEM	ANO
<i>78% das mortes têm relação com o tráfico de drogas, diz secretária de Segurança do RN</i>	2017
<i>As estratégias de jovens das periferias em busca de oportunidades</i>	2017
<i>Jovens de periferia debatem a importância de maior participação na política</i>	2017
<i>Jovens de comunidades desenvolvem projetos para melhorar a vida na periferia</i>	2017
<i>Projetos investem em educação para desviar jovens do caminho da criminalidade</i>	2018
<i>Jovens negros de periferias se preparam para contar suas histórias no cinema e na televisão</i>	2019

<i>Projeto social leva jovens da periferia ao centro de São Paulo</i>	2019
---	-------------

¹ <https://oglobo.globo.com/>

<i>Jovens de periferias criam iniciativas em busca de um futuro melhor</i>	2019
<i>Jovem de periferia do ES tem a vida transformada através da música</i>	2019
<i>Jovem morador da periferia cria serviço de delivery para atender locais de baixa renda em Salvador</i>	2020
<i>Rio tem 3,7 milhões de habitantes em áreas dominadas pelo crime organizado; milícia controla 57% da área da cidade, diz estudo</i>	2020
<i>Do tráfico à cozinha, homem trans. busca reescrever história na periferia de Campinas</i>	2021
<i>Videogame imersivo traz realidade da periferia em 360°</i>	2021
<i>Da Fluo às Bienais de Rio e SP, pesquisa revela perfil do público de eventos literários: Estudo realizado pelo Instituto Pró-Livro e pelo Itaú Cultural afirma que a Bienal de São Paulo atrai visitantes mais brancos e ricos; frequentadores da Flup são os que mais leem</i>	2022
<i>Estudantes pela democracia: O Dia do Estudante catalisa o desejo da maioria pela garantia de lisura nas eleições, em resistência às investidas golpistas contra as urnas eletrônicas</i>	2022

<i>Mortes violentas de jovens de periferias e políticas públicas</i>	2022
<i>Cadê meu trampo? Potências Periféricas – o papel dos projetos sociais na empregabilidade do jovem</i>	2022
<i>Movimento apoia e protege jovens LGBT da periferia</i>	2022
<i>Prefeitura de SP fechou centros de convivência para adolescentes em bairros com mais homicídios</i>	2022
<i>Grupo de jovens de várias periferias da Grande BH assiste ao filme 'Medida Provisória'</i>	2022
<i>Jovens da periferia de Nazaré da Mata, na Mata Norte, descobrem talento na pintura</i>	2022

<i>Entidade abre inscrições para curso de Jovens Multiplicadoras de Cidadania em Porto Alegre</i>	2022
<i>Jovem da periferia de SP vira roteirista de filme estrelado por Rodrigo Santoro: 'cheguei a chorar'</i>	2022
<i>Projetos sociais incentivam a leitura e alfabetizam crianças, jovens e adultas das periferias de Teresina</i>	2022
<i>Jovens, de 20 e 23 anos, são presos por tráfico de drogas em Aimorés</i>	2022

<i>Jovem de 24 anos é morto baleado em periferia de Macapá; atirador fugiu</i>	2022
<i>Jovem da periferia do Recife passa em seleção para estágio científico na Universidade de Harvard em disputa internacional</i>	2022
<i>Suspeito de tráfico de drogas é preso com dois drones e entorpecentes na periferia de Fortaleza</i>	2022
<i>Balço da Polícia Civil aponta redução no tráfico de drogas no 1º trimestre de 2022 em Juiz de Fora; veja os dados</i>	2022
<i>Jovem é preso por tráfico de drogas em Guanhães</i>	2022
<i>De alfabetização digital a TV Pelourinho: soluções para problemas do país também vêm das periferias</i>	2022
<i>Ações da Fiocruz durante a pandemia ajudaram na saúde mental e educação nas periferias</i>	2022
<i>Câmeras reduzem matança policial em 80%, mas são atacadas por candidatos em SP</i>	2022
<i>Startup capacita jovens da periferia para trabalhar no setor de tecnologia</i>	2022
<i>Combate à pobreza exige inovação</i>	2022

<i>O Brasil voltou no tempo: Se fosse um romance, a História do país desde a eleição de 2018 seria mais improvável do que aquela contada em “Submissão”, do francês Michel Houellebecq</i>	2022
<i>Vítimas da desigualdade: 32% das mulheres jovens negras estão sem estudar e sem emprego</i>	2022
<i>Mortes no Jacarezinho: jovens fazem mutirão de grafite para cobrir buracos de tiros</i>	2022
<i>Curso ensina jovens negras de favelas e periferias a se destacar nas redes sociais</i>	2022
<i>Pacto pela Juventude oferece bolsas de R\$ 500 para líderes locais; veja como se inscrever</i>	2022

As matérias jornalísticas apresentadas são aquelas sobre as quais me debrucei, de maneira a encontrar aproximações e afastamentos entre seus enunciados capazes de me permitir entender as verdades que produzem sobre os jovens de periferia. Como não procurei desenvolver análise de conteúdo, passei a identificar os fios condutores que as unem a partir da temática em comum, de modo a entender as narrativas que frequentemente são apresentadas sobre tais jovens. Assim, no capítulo que apresento meus argumentos e tensionamentos, alguns de seus excertos articulam-se ao referencial teórico e às minhas considerações. No entanto, antes de apresentar esta rede tecida por mim, destaco algumas questões teóricas sobre os campos da Educação e da Mídia, fundamentais para esta dissertação.

3. EDUCAÇÃO E MÍDIA

As reflexões sobre a Educação e a Mídia já ocorrem há décadas e têm sido cada vez mais aprofundadas, de modo a discutirem a formação dos sujeitos contemporâneos e a construção de subjetividades. Além disso, elas partem da necessidade de se explorar novos assuntos e conhecimentos, já que novas tecnologias de informação e comunicação surgem a cada dia e transformam as dinâmicas educativas que promovem.

Estas transformações não ocorreram somente no que se refere às mídias, mas também atravessaram a área educacional, fortalecendo o rompimento dos limites da escola, o que oportuniza ampliar os olhares acerca do que é entendido como educação. Pode-se dizer que a educação não se limita a uma disciplina - a pedagogia -, mas abrange diversas áreas de conhecimentos e novas formas de comunicação. Wortmann, Costa e Silveira (2015), que atuam com Estudos Culturais em Educação, se inspiram em Grossberg (2012) para incentivarem novas análises culturais, a partir de novas ferramentas teórico-metodológicas.

Entende-se, nesta perspectiva, que ao serem utilizadas novas abordagens teórico metodológicas, amplia-se a capacidade de observação dos temas que chamam a atenção dos pesquisadores, na direção oposta à ideia de que todas as análises deveriam ser feitas a partir dos Estudos Culturais. Wortmann (2005), sobre isso, refere que,

[...] a articulação dos estudos que vem sendo processada entre Educação e Estudos Culturais não pretende, nem implica o alcance de uma nova totalização, que vise, por exemplo, subsumir a educação aos Estudos Culturais. O que me parece ser colocado em destaque é o efeito produtivo que a opção por tal articulação tem inegavelmente alcançado ao abalar muitas certezas relativas ao que vinha sendo definido e aceito como importante em educação e ao permitir a utilização de “outras” questões e metodologias as quais têm promovido a revisão dos temas e de direções mais frequentemente focalizadas nas investigações e pesquisas. (p.173)

A importância de novas metodologias e abordagens encontra-se na possibilidade de elaboração de investigações críticas, de expansão da produtividade, da diversidade dos temas, dos problemas e dos espaços de investigação. Uma das possíveis ferramentas de investigação, portanto, diz respeito ao que, especialmente nos últimos anos, tem sido chamado de Pedagogias Culturais, conforme apresento a seguir.

3.1 Pedagogias Culturais e Subjetivação

Durante os últimos 40 anos, diversas pesquisas, em múltiplos campos de discussão, contribuíram para renovar a ideia de lugares ou ambientes de aprendizagem. Bernstein (2005), por exemplo, salienta que estamos vivenciando uma era em que a sociedade está totalmente pedagogizada, tendo em vista que a educação acontece por meio de diferentes experiências, diferentes métodos e diferentes lugares do cotidiano. Williams (1968), há muitos anos, ao refletir sobre os processos de educação contínua em diferentes espaços e instituições, propôs que as práticas e experiências do dia-a-dia implicam em reflexões que ensinam algo.

Por meio destas transformações, as pesquisas realizadas no campo da educação, especialmente sob a ótica dos Estudos Culturais, podem ser pensadas de modo amplo, a partir da possibilidade de abrangerem diversas áreas e temáticas. Talvez, esse tenha sido um dos resultados dos movimentos que apresentei e que consideram o barramento de fronteiras teóricas. A educação, por exemplo, por muito tempo foi limitada à escola como Instituição, porém, atualmente, entende-se que a "educação transborda a escola e a Pedagogia, desfazendo as linhas duras que as compõem, não a partir de grandes oposições, mas de fissuras quase imperceptíveis" (HILLESHEIM, 2015, p.790).

Neste contexto, entendo que a mídia se constitui como uma importante instância educacional, visto que opera a partir das significações e da constituição de sujeitos e subjetividades na medida em que produz e faz circular imagens, textos e significados. A educação pode ser percebida de diferentes formas, a partir dos seus significados e das suas percepções ligadas aos produtos midiáticos. A prática de leitura da relação entre a mídia e educação é a compreensão direta de que os meios de comunicação educam nossas formas de pensar, de ser e de agir no mundo. "A inovação e a competitividade, ambas tomadas do mundo da mercadoria, o conhecimento produzido se colocou a serviço de políticas educativas estatais e paraestatais cada vez mais globalizadas" (LARROSA, 2012, p. 287).

Andrade e Costa (2017) pensam a aprendizagem por meio da ideia de ampliação de lugares em que é produzida, tendo em vista as tensões que envolvem a pedagogia ao ser aproximada da cultura. Segundo elas, no momento em que aspectos culturais interpelam e educam sujeitos, nos diferentes contextos de seus cotidianos, emergem as pedagogias culturais (ANDRADE; COSTA, 2017). Ellsworth (2005), ressalta que as pedagogias culturais operam por meio de redes de significados, através de diversos dispositivos culturais que promovem processos de subjetivação, ensinando os indivíduos.

A subjetividade consiste nas experiências e vivências do sujeito consigo mesmo (FOUCAULT, 2002). Ela é entendida como uma zona de intimidade, ou seja, a forma como se lida com as situações e o mundo ao seu redor. "A subjetividade, o sujeito, envolve um processo de subjetivação, visto que não existe constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação" (FOUCAULT, 1984, p. 28). Assim, os saberes se dirigem à "educação" das pessoas, às ensinando modos de ser e de estar na cultura em que vivem (FISCHER, 2001).

Neste sentido, as mídias têm se mostrado atuantes na divulgação de comportamentos, na construção de opiniões, nos modos de ser, de portar-se e de pensar. As mídias passam a ideia

de que os conteúdos e os sistemas espalham diferentes realidades e formas de viver. Então, precisamos vasculhar, analisar e sistematizar as compreensões acerca dos efeitos das experiências nas relações que são estabelecidas entre os modos de comunicação mediados e as práticas de significação contemporâneas. Por estes fatores é importante questionar como os efeitos destes sistemas interferem nos modos de compreender o mundo e as leituras que alteram os modos de viver (TERUYA, 2006).

Segundo Cardoso e Gurgel (2019), a ciência olha para a mídia de maneira crítica, fazendo leituras que vão além do conteúdo e da técnica das palavras ditas/escritas. Busca, neste sentido, compreender a crítica, os conceitos e teorias abordadas pela mídia, tendo entendimentos das imagens, dos contextos de produção da ciência e das questões epistemológicas. Os Estudos Culturais, assim, fazem análises da relação da mídia e da educação a partir da complexidade cultural e das relações de poder que transpõem os meios de comunicação em contextos históricos, econômicos e políticos. “É interessante que possamos, ao avaliar as discussões sobre as mídias contemporâneas, pensar em sua interferência direta na compreensão do mundo, das práticas e das relações” (TAKARA, 2021, p.7).

As práticas midiáticas estão interligadas com as formas pelas quais são oferecidos os seus produtos. Através deles os consumidores consomem os produtos e os valores oferecidos, o que oportuniza movimentos de subjetivação. O universo cultural traz elementos que devem ser analisados e julgados, pois o conhecimento faz parte do capitalismo e dá sentido às coisas do mundo (TAKARA, 2021). Teruya (2009) diz que a comunicação está interligada ao padrão cultural, por este motivo, ela é a referência principal da cultura e o dispositivo simbólico que constitui as nossas relações com os outros e conosco. Portanto, "é um objeto de conhecimento interdisciplinar, proporcional à dimensão antropológica, e essa dimensão de cruzamento deve ser preservada para evitar uma especialização que, aparentemente, transmite segurança, mas que na realidade é redutora e empobrecedora" (WOLTON, 2004, p. 100).

A mídia sempre mostrou as suas lutas de poder e "em nosso tempo, tornam-se crescentemente lutas em que predomina o simbólico e o discursivo" (HALL, 1997, p. 20). A mídia se modificou historicamente através da cultura, pelas atribuições de sentido às práticas sociais e pela ampliação das tecnologias da comunicação e informação. Através delas muitos conseguem expressar seus pontos de vista e expressar as opiniões coletivas. É por meio dessa lógica que entendo a mídia como uma ferramenta das pedagogias culturais, pois interpela diferentes sujeitos, produzindo conhecimentos e modos de pensar e de ser diante de diferentes situações.

3.2 A mídia como produtora de verdades: dispositivo pedagógico da mídia

O conceito de dispositivo pedagógico da mídia pode ser abordado e pensado a partir das reflexões de Michel Foucault e dos Estudos Culturais, tendo como ênfase as formas de constituição de sujeitos, de subjetividades, de educabilidade. Neste sentido, a mídia opera através das significações, dos saberes, da cultura e da educação, interferindo nos modos de ser e estar na cultura em que se vive. Pode-se dizer que os saberes se dirigem à educação dos sujeitos, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem (FISCHER 2002).

A cultura tem se mostrado atuante nas divulgações de aspectos de comportamentos, na construção de opiniões, modos de ser, de se portar e de pensar. O dispositivo pedagógico da mídia é construído através da linguagem de seus produtos. É relevante atentar que há uma lógica discursiva nos materiais midiáticos e que tal lógica opera em direção à produção de sentidos e de sujeitos sociais. Destaca-se que "há uma mediação, na relação complexa entre os produtores, criadores e emissores, de um lado, e os receptores e consumidores, de outro, a qual é dada particularmente pelo modo como se estruturam os "textos midiáticos" (FISCHER, 1997, p. 61).

A mídia, como dispositivo pedagógico, é contextualizada através da constituição de subjetividades e da produção de verdades e de sua interferência no comportamento dos indivíduos. Martins (2021) relata que "a mídia exerce poder sobre quem fala e produz saberes E efeitos de verdade nos discursos veiculados" (p. 3). Segundo Thompson (2008), "de uma forma profunda e irreversível, o desenvolvimento da mídia transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólico no mundo moderno" (p. 19).

A diferença das realidades sociais pode ser entendida de forma diversa, criando novos significados em relação às mensagens divulgadas por diferentes canais. Os meios de informação e de comunicação, de forma pressuposta, exercem a função de gerar novos significados e contribuem para a formação dos indivíduos e na área social e das identidades pessoais, bem como na produção de inclusões, diferenças e exclusões (FISCHER, 2002). Thompson (2008) refere que a percepção que as pessoas desenvolvem sobre os produtos da mídia estão inseridas em determinados contextos sócio históricos, permeados pelas relações de poder e ao acesso a diferentes recursos.

Acredito que seja assim, a partir desta dinâmica educativa e midiática, que são produzidas as verdades que envolvem os jovens que vivem nas periferias, por meio do "conjunto dos procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante, a cada um, enunciados considerados como verdadeiros" (FOUCAULT, 2001, p. 407). A mídia é uma rede que pode

tecer diversos sentidos conforme a disputa das formações discursivas em jogo. Ela determina os sentidos que devem permanecer na ordem do discurso (PACÍFICO, 2020).

Segundo Martins (2021), os discursos e os meios sociais, ensinam os sujeitos e dão acesso a diversas categorias de discurso, educando esses indivíduos e populações. Foucault (2010, p. 44) explica que todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. A mídia influencia em diversos aspectos, cria uma percepção de diferentes verdades, subjetiva os sujeitos, interferindo no seu modo de pensar e agir.

Assim, a mídia produz verdades, educa e replica questões relacionadas aos modos de ser jovem e de viver nas periferias. Partindo disso, a seguir, apresento questões relativas aos jovens que vivem nas periferias e às maneiras como são produzidos pelas matérias jornalísticas que problematizei.

4. JOVENS DE PERIFERIA



Fonte:(<https://oglobo.globo.com/rio/mortes-no-jacarezinho-jovens-fazem-mutirao-de-grafite-para-cobrir-buracos-de-tiros-25026670>).

A foto apresentada acima, retrata uma produção artística feita pelos jovens moradores de uma região periférica brasileira. De certo modo, demonstra como eles veem o espaço e os lugares em que vivem. Apesar de serem lugares frequentemente descritos por meio de narrativas

que destacam a violência, esta é uma das formas dos jovens tentar aliviar os traumas e lutos vividos nestes últimos tempos.

Partindo disso, explicou que, nas seções que seguem, apresento as maneiras pelas quais entendo o material que analisei. Partindo de meus modos de olhar as matérias selecionadas, discorro sobre as verdades que produzem os jovens de periferia e que fazem parte das matérias jornalísticas do jornal O Globo.

4.1. Quem sou eu?

Souza (2009) denomina, criticamente, as minorias nacionais como a ralé brasileira. Para o autor, a ralé é caracterizada por aqueles que sofrem com as precariedades e com a falta de políticas públicas que abrangem a segurança pública, o trabalho formal, o enfrentamento do racismo e do preconceito regional. Segundo ele, no Brasil, é possível ver nitidamente divisões entre as chamadas classes sociais, pois há uma grande diferença socioeconômica entre diferentes pessoas que são, ainda, distribuídas em territórios, bairros, áreas centrais, áreas rurais e periferias.

Em relação a isso, argumento, em primeiro lugar, que a própria possibilidade de levantar matérias jornalísticas acerca dos jovens que vivem em periferias e as maneiras como são descritos e abordados em tais materiais, ressalta a diferenciação social à qual se encontram submetidos. Entendo que ao serem abordados, enquanto foco de reportagens que tratam de ações sociais, de violência, de possibilidades de superação frente aos desafios do cotidiano, entre outras, reforça-se a ideia de fazerem parte daquilo que Souza (2009) chama de ralé brasileira. Certamente, a intenção das reportagens não é essa, pois visam dar visibilidade a estes jovens, contudo, ao serem tomados como exceção, ou diferenciados por seus modos de vida e demandas sociais, se reforça a ideia de diferenciação de classes sem que o foco seja esta diferenciação, mas a possibilidade dos jovens superá-la a partir dos padrões sociais considerados mais adequados.

De certa maneira, ao serem narrados pelas matérias observadas, observa-se o fortalecimento da ideia de que a vida nas regiões periféricas condiciona tais jovens à uma posição social que, ironicamente, busca ser desconstruída - ou revertida - pelas reportagens, a partir de transformações pessoais. Ao mesmo tempo em que alguns dos textos retratam ações de "libertação" dos jovens em relação aos seus modos de vida, elas reforçam que os lugares onde vivem e por meio dos quais foram produzidos enquanto sujeitos, é preconizado e precisa

ser deixado de lado a partir, especialmente, do trabalho. Nesta direção, Souza (2014) refere que os sujeitos são produzidos em concomitância com as parcelas espaciais em que vivem. Assim, ao descreverem os lugares onde os jovens vivem, as matérias reforçam que tais jovens não apenas circulam pelas áreas periféricas, mas, de maneira mais complexa, as compõem e são compostos por elas, especialmente na condição de precariedade. A questão que me parece relevante, neste ponto, é que tais jovens passam a ser considerados sujeitos que demandam desafios para as políticas públicas, sem que elas - ou a falta delas - sejam, necessariamente, pensadas como produtoras de tais modos de vidas e demandas.

As periferias foram constituídas geograficamente a partir do processo de urbanização brasileiro, ocorrido a partir de 1930, quando o Brasil começou a ser industrializado. Como consequência dessa industrialização tardia, a dinâmica foi marcada pela emergência de áreas periféricas constituídas pela população que chegava às cidades - sem estruturas suficientes - Em busca de trabalho. As políticas públicas, a partir disso, foram reformuladas, regulamentadas e planejadas para a vida urbana, porém, em muitos casos, tem se observado o que pode ser entendido como caráter seletivo, pois são insuficientes para diferentes realidades que envolvem os bairros populares. É essa insuficiência que, ao meu ver, produz as situações de desigualdade e, conseqüentemente, a demanda de novas políticas capazes de amenizarem o desequilíbrio social existente no Brasil. Conforme Toledo (2013) esses processos impulsionaram a apropriação desigual do espaço urbano, especialmente no que diz respeito ao acesso aos bens públicos, obrigando uma grande parcela da população a morar em lugares afastados, com carência de serviços básicos, de má qualidade ou em áreas de risco.

Angol (2019) refere que é devido a tais questões que a violência circunda os jovens que residem nas regiões periféricas, os quais acabam se envolvendo com o tráfico de drogas e sofrendo com as questões raciais. Uma das principais causas destes resultados é a falta de investimentos em políticas públicas capazes de impulsionar a qualidade de vida das pessoas que se encontram nessas situações e, principalmente, a possibilidade de pensarem em outros rumos de vida. Nesse sentido, destaco que a matéria “**As estratégias de jovens das periferias em busca de oportunidades**”, demonstra as dificuldades vividas por tais jovens, principalmente associadas à inclusão social.

“Para driblar as dificuldades do dia a dia e alcançar novos contextos sociais, a juventude, vinda das zonas mais afastadas das grandes cidades, busca diferentes formas de inserção no mercado de trabalho e nas relações com

amigos e familiares. [...] a cidade é um lugar de oportunidades, mas também algo a ser superado. São barreiras simbólicas, como o racismo, e de distâncias, que fazem com que esses jovens não se sintam pertencentes a certos espaços da cidade. Esses obstáculos representam um enorme desafio para as políticas públicas” (O GLOBO, 2022).

A entrevista mostra que um dos obstáculos para as oportunidades de trabalho e estudo desses jovens é a efetividade de políticas públicas. Agnol (2019) ressalta que a falta de investimentos nessa direção, principalmente voltados aos jovens, fortalece a desigualdade social, em especial para quem vive de forma precária ou afastada do centro. Neste sentido, entendo que ao destacarem que a periferia potencializa as dificuldades vividas pelos jovens, deslocam os olhares para a possibilidade de estes saírem de seus bairros em busca de melhores Oportunidades conforme apresentado na matéria "**Projeto social leva jovens da periferia ao centro de São Paulo**".

Eles moram numa das maiores favelas de São Paulo, Paraisópolis, e embarcam para uma viagem. A iniciativa nasceu depois da observação de um ex-aluno. A escola proporcionou que eles saíssem da periferia e vivessem uma realidade diferente deles.

Certamente entendo que as regiões centrais das grandes cidades concentram as principais oportunidades laborais, contudo, tais enunciados fortalecem a ideia de divisões entre as áreas consideradas mais nobres e aquelas cujo desenvolvimento "não chegará". Entendo, neste contexto, que se descarta a possibilidade de se pensar na periferia enquanto conjunto urbano, cujas potencialidades locais poderiam oportunizar a emergência de novos centros urbanos em que os diferentes modos de vida também fossem considerados parte das dinâmicas sociais. Ao se criar uma ideia de "oportunidade de saída da periferia" para que novas oportunidades sejam possíveis, se reforça uma qualificação assimétrica que se relaciona diretamente às pessoas que vivem em diferentes parcelas espaciais, conforme proposto por Souza (2014).

Outro ponto que fica evidenciado nas reportagens é a caracterização destes jovens. Por mais que as histórias busquem destacar casos de sucesso e de superação, a todo momento reforça-se a imagem do jovem negro entrelaçado à violência, que se relaciona ao lugar em que vive. Conforme Lemos et al. (2017), os jovens que residem nas periferias, sofrem com algum

tipo de intolerância social, já que são caracterizados como negros, pobres, com baixa escolaridade e associados a violência.

Neste contexto, Sousa (2005), destaca que a violência no país afeta mais diretamente os jovens que moram em periferias, já que a maioria destes jovens, morrem em conflitos policiais e homicídios. Silva (2008), ao destacar dados sobre a violência refere três dinâmicas que envolvem as suas mortes:

A primeira: conquistas como a redução da taxa de mortalidade infantil nas últimas duas décadas podem se anular pelo crescimento de 306% nas taxas de homicídios de Jovens de até 19 anos. A segunda: a perda de jovens no Brasil deixou de ser um problema de segurança pública para se tornar questão de saúde pública. A terceira: a taxa de mortalidade por arma de fogo é de 43,01 por 100 mil jovens entre 15 e 24 anos; em um ranking mundial desse tipo de morte, o Brasil ocuparia o primeiro lugar. Esses números alarmantes estão relacionados a fatores como a desigualdade social e a má distribuição de renda que mantém o país dividido. (SILVA, 2008, p.4)

Apesar do jornal G1, não ser o foco de análise, trago como referência uma reportagem publicada em 2021, que apresenta dados sobre jovens negros em situação de vulnerabilidade social. Segundo a matéria, esses sujeitos se tornam as principais vítimas de homicídios. A reportagem faz uso de um estudo realizado pela Defensoria Pública do Estado do Ceará que revela que 82% das vítimas são homens, 80% são negros, 56% são jovens (entre 18 e 29 anos) que estudaram até o Ensino Médio (G1, 2021). Esses dados se relacionam com as dinâmicas de exclusão social que promovem a falta de oportunidades e, portanto, impulsionam envolvimento com facções criminosas. A entrada dos jovens para o mundo do tráfico de drogas, por exemplo, muitas vezes ocorre por falta de oportunidades. Este estilo de vida torna se uma forma de sustento familiar. “Estabelece-se assim uma articulação entre anormalidade e risco/periculosidade social que incide, sobretudo, nas juventudes pobres que são estereotipadas” (BARROS, 2017, p.38).

Coimbra (2005) refere que a construção do jovem perigoso se dá a partir de seus comportamentos, das formas como se inserem nas dinâmicas sociais e daquilo que é entendido como “bom” e “mal”. Para explicar como os termos pejorativos percorrem a vidas dos jovens de periferia, a autora realiza um mapeamento populacional das comunidades empobrecidas, destacando que se fortalece a relação entre as noções de vadiagem, ociosidade, indolência e pobreza, bem como entre pobreza e periculosidade, violência e criminalidade. Assim, o jovem

morador de periferia é por vezes visto como indivíduo considerado perigoso, como o “menor”, o “bandido”, o “vagabundo” e o “drogado”. Tal situação opera no sentido de desumanizar esses sujeitos. Tal situação é fortalecida por meio de recursos midiáticos que, muitas vezes, os localizam como "instrumentos do medo" (BARROS, 2017, p. 38).

Nesse sentido, destaco que os jovens que vivem nas periferias brasileiras enfrentam dificuldades de deslocamento até as áreas centrais das cidades. Não se trata de dificuldades relacionadas ao transporte público, mas, principalmente, aos modos como são vistos ao circularem pelas ruas de diferentes bairros e às formas como são retratados em diferentes tipos de mídias. Conforme Barros (2017), a ideia de bandido se personaliza a imagem dos jovens negros, moradores da favela, cooptado ou não pelo tráfico de drogas, e que possuem um modo de vestir com bonés, cordões e etc. diante disso, sentem-se excluídos de diversos ambientes urbanos. Assim, entendo ser relevante mencionar que, se por um lado, especialmente nas matérias jornalísticas com as quais trabalhei, são retratados como sujeitos de direitos e capacidades, por outro, em são associados às notícias que envolvem casos policiais, por exemplo.

Para exemplificar essa discussão, trago o depoimento de Carlos, publicado na reportagem "Projeto social leva jovens da periferia ao centro de São Paulo" (O GLOBO, 2019) Conforme noticiado, Carlos cresceu e vive em Paraisópolis, uma favela localizada em São Paulo, ao lado do Bairro Morumbi, um dos mais nobres da cidade. Ao falar sobre suas experiências ligadas a um projeto social, relata que se sente julgado à circular por outros bairros.

“Quando eu costumava sair para outros lugares fora de Paraisópolis, eu percebia um olhar diferente. Eles me veem como marginal, eles me veem como um bandido, sendo que nem me conhecem, sendo que eu não sou isso” (O GLOBO, 2019).

No contexto da matéria, para além dos sentimentos de Carlos, é apresentada uma ação de aproximação entre os jovens que vivem nas zonas periféricas e oportunidades laborais em outros contextos urbanos. Apesar dos pontos positivos que envolvem a ação, observa-se, por meio dela, que são necessários recursos de apoio social para que tais jovens possam ser apresentados ao mercado de trabalho e, principalmente, que sejam vistos como produtivos no contexto social. Faço uso, nessa direção, das palavras de Costa (2020), que ao analisar as relações de jovens de periferia com projetos sociais, entendeu que a ociosidade, neste caso, torna-se um problema, que talvez não necessitasse ser discutido em outros contextos. Conforme

indica a autora, pertencer à periferia faz com que os jovens se tornem foco dessas ações e projetos educativos que tem objetivos bem definidos, quais sejam, mantê-los ocupados, longe das ruas e do risco social.

Partindo disso, entendo que ser um jovem de periferia, representa, a partir de matérias jornalísticas, desvantagens que precisam ser superadas por meio de movimentos individuais, contudo, apoiados por ações sociais e educação. Mira-se, neste caso, nos sujeitos que precisam ser "reinventados" de modo a se adequarem aos valores sociais que, tradicionalmente, os excluem. Contudo, os lugares onde vivem, são demarcados e classificados por meio de enunciados que destacam os problemas que os envolvem e, conseqüentemente, os constituem. Como sujeitos, sem que se fortaleça a ideia de investimentos para a transformação das realidades locais por meio de políticas públicas.

4.2 Oportunidades e superação

Entendo que as mídias operam a partir das narrativas que não apenas descrevem modos de vida, mas também os produzem. As narrativas atuam através da subjetivação, tendo como base a cultura e o momento histórico em que circulam. Nas reportagens "**Jovens negros de periferias se preparam para contar suas histórias no cinema e na televisão**", "*Jovens de periferias criam iniciativas em busca de um futuro melhor*" e "*Jovens de comunidades desenvolvem projetos para melhorar a vida na periferia*" (O GLOBO, 2022; 2019; 2017) é possível perceber uma espécie de rede discursiva que articula noções de superação, sucesso e oportunidades, conforme os excertos que seguem

“Em um país onde apenas 4% dos roteiristas são negros, estes profissionais chegam com a vontade de fazer das telas um espelho onde o Brasil possa se ver como é. A gente tem que pensar que o Brasil tem uma maioria de pessoas negras e o que é dito periferia, na verdade é a maioria dos lugares”.

"Os caminhos podem ser trilhados, diferentes das realidades vivenciadas e quais estratégias de mudanças possam servir como exemplo, que por mais que as dificuldades aparecem a superação movem os sonhos e ajudam outros jovens da periferia a mudar a sua realidade. Através do estudo ou formas de empreender".

"Transformar a vida dos moradores da periferia carioca. Esse é o objetivo de projetos criados por jovens, moradores de comunidades, que foram selecionados pela Agência Redes Para a Juventude para organizarem ações de desenvolvimento social, cultural e empreendedorismo. [...] Um dos objetivos do projeto é que os jovens possam desenvolver o protagonismo juvenil e resolver os problemas das suas comunidades".

É bastante comum que tais movimentos foquem nos jovens negros, deixando jovens brancos de fora das reportagens, fato que sinaliza a possibilidade de se pensar que caberia aos jovens negros vencerem obstáculos por meio de movimentos de superação das adversidades que os cercam, diferentemente dos brancos que já teriam vantagens em relação a estas adversidades. Conforme aponta Charão (2020), a aproximação das realidades de brancos e negros, no Brasil, é um desafio social e econômico e, assim, a ideia de superação reflete, ao mesmo tempo em que destaca situações de sucesso, uma imensa quantidade de pessoas que não conseguem atingir os mesmos feitos.

Contudo, para além das questões raciais, a ideia de superação, enquanto condição para o desenvolvimento de modos de vida mais adequados, aparece por meio da noção de empreendedorismo que acompanha diversos projetos sociais que ganham destaque nas mídias.

É importante ressaltar que a lógica do empreendedorismo tem deslocado as preocupações sociais da esfera das políticas públicas e direcionado os movimentos de transformação para o nível individual, como se cada sujeito fosse responsável único por seus sucessos e fracassos. Conforme apontado por Martini et al. (2022) e Dar sie (2022), tal situação tem atravessado diferentes cotidianos de trabalho e educacionais, produzindo modos de vida que a cada dia mais se pautam no auto superação como garantia de condições mínimas de vida.

Ainda, outro ponto bastante destacado nas reportagens, diz respeito às ações sociais associadas à arte como forma de oportunidade. Arruda (2020) destaca que debates sociais, políticos e econômicos, no caso das comunidades de periferia, vêm sendo feitos através da arte, principalmente pelas músicas, tendo o *Rap* como o principal protagonista. Assim, diversos festivais como o apresentado nas reportagens "*Jovem de periferia do ES tem a vida transformada através da música*" e "*Jovens da periferia de Nazaré da Mata, na Mata Norte, descobrem talento na pintura*" (O GLOBO, 2019; 2022) operam nesta direção.

"Aos 15 anos e sem perspectivas, ele havia desistido dos estudos e de sonhar com um futuro melhor. Mas hoje, aos 22, já está na faculdade e é, inclusive, professor. O protagonista dessa história é Ailton Júnior. Filho de pais separados, ele mora com o pai em Fel Rosa, na Serra, e atua como trompetista de uma banda que faz parte de um dos projetos do Programa Vale Música, que visa incentivar a música de concerto no Brasil. Mas nem sempre foi assim. Aos 11 anos, Ailton começou a aprender a tocar instrumentos em um projeto social que funcionava em uma escola de Fel Rosa. A mudança na vida do então adolescente, que sempre viveu em bairro de periferia e viu muitos amigos ingressarem no tráfico de drogas, começou Quando ele passou a observar outro menino, que passava pela rua constantemente com a camisa do projeto da Vale".

"O projeto contempla jovens da periferia visando descobrir o talento para a pintura do grafite, através disso os muros da comunidade. Este projeto pretende resgatar jovens em situação de vulnerabilidade social, dando novas oportunidades".

Com a participação do jovem em diferentes espaços e projetos interligados à educação e cultura, busca-se ressaltar o seu protagonismo, o que proporciona um olhar crítico. Duprat (2008) refere a importância da educação como processo de subjetividade, pois “a educação promove a construção de saberes pessoais, que se traduzem em subjetividades diversas, as quais permitem identificar a presença do que é individual e coletivo coexistindo na trama da complexidade do mundo” (p. 415). Nesse sentido, segue exemplo encontrado na matéria **“Jovens de periferia debatem a importância de maior participação na política”** (O GLOBO, 2017).

"O primeiro encontro do festival Todo Jovem é Rio, promovido pela Agência Redes para Juventude, reuniu na terça-feira cerca de 20 jovens — todos moradores da Pavuna e adjacências, na Zona Norte — com interesse nas questões políticas da cidade. Ouviu e expôs ideias num debate com o objetivo de multiplicar saberes sobre direito à cidade, ativismo, empreendedorismo, entre outros temas. O objetivo do projeto é ter um prefeito na cidade fruto deste projeto em 20 anos. É importante criar uma cultura de debates entre jovens de periferia sobre política, cultura e outros assuntos".

“Encontros como este servirão para despertar um comportamento de troca de ideias, fazer a galera acordar para tudo que nos é possível. Somos de

periferia, de subúrbio, de favela, mas todos somos Rio — defende a jovem, que acredita ser fundamental a inserção de pessoas do subúrbio na política. ” (O GLOBO, 2022)

A reportagem que tem por título "**Curso ensina jovens negras de favelas e periferias a se destacarem nas redes sociais**", publicada no dia 02/08/2022, chama a atenção por conta da ideia de que as meninas da periferia precisam ser ensinadas a se destacarem nas redes sociais. Ao ler a reportagem, observei que trata da questão como se não houvesse outros espaços para as mulheres da periferia ocuparem as redes sociais e se destacarem sem a necessidade de cursos. De certo modo, entendo que suas maneiras de se comunicarem e os seus próprios públicos são deixados de lado em razão de modos de vida constituídos em outras áreas das cidades. Apesar da ideia ser fruto do Observatório de Favelas e a proposta ser direcionada aos modos como as meninas podem contar suas próprias histórias, a ideia de normatizar suas falas e postagens online parece sinalizar que seus modos de vida não seriam capazes de dar conta da tarefa.



FOTO: Jornal O Globo- Reportagem Curso ensina jovens negras de favelas e periferias a se destacarem nas redes sociais.

O Observatório de Favelas está com inscrições abertas até sexta-feira (6) para um curso que vai ensinar meninas negras, moradoras de favelas e de periferias como se destacar e fugir da mesmice nas redes sociais. A ideia é que elas aprendam a contar suas próprias histórias a partir de suas vivências e de

seus locais de origem. As candidatas devem ter entre 14 e 19 anos. As aulas serão híbridas, de modo virtual e presencial, à escolha da participante.

A coordenadora de Comunicação do Observatório de Favelas, Priscila Rodrigues, explica que a proposta da formação é oferecer ferramentas para que as meninas periféricas e favelas possam contar suas próprias histórias (O GLOBO, 2022).

As mídias não abordam temas que são relevantes e de interesses das mulheres afrodescendentes, olhando principalmente para suas experiências e realidades. A mulher negra se sente desconectada das redes sociais e, por muitas vezes, se sente julgada (KARLSSON, 2019). Neste sentido, parece-me que a ideia de formação para aparecer em mídias, reforça um imaginário que envolve a necessidade de polidez, típica das pessoas com mais oportunidades.

"Startup capacita jovens da periferia para trabalhar no setor de tecnologia" (O GLOBO, 2022), fala sobre a modernização das escolas e sobre aulas online. A matéria discorre sobre um startup de São Paulo que forma jovens da periferia para trabalhar no setor de tecnologia, oferecendo capacitação e procurando unir quem quer contratar com quem quer trabalhar. A escola que os jovens frequentam na zona Leste de São Paulo, oferece educação para jovens da periferia. O que mais chama atenção é que a reportagem, ao falar das oportunidades através da educação, demonstra um tom sarcástico, como se a falta de interesse estivesse localizada apenas na periferia. Nesta reportagem fica visível a colocação de Martins (2021), que faz a comparação da mídia com as diferentes formas de exercer o poder, porque ela tem como construir e disseminar os discursos negativos e positivos, que geralmente fortalecem as práticas vigentes na sociedade. A mídia, no jogo de poder e saber, torna-se atuante a partir do dispositivo pedagógico e discursivo, pelo fato de estar afirmando e “induzindo” a população a ter esse mesmo pensamento.

Segundo Thompson (2008) as informações se tornam aspectos centrais da vida, referindo-se a sociedade como produtora da circulação destas. Remete-se a avaliação e a recepção dos sujeitos que são os produtos da mídia, de como são apresentados estes indivíduos, eles criam formas e sentidos diferentes aos produtos apresentados, diferenciando a formação e a condição social de cada sujeito. E isso fica bem evidente nas entrevistas que a todo momento se direciona ao jovem pobre da periferia. Destacando a diferença das realidades sociais, de como elas podem ser entendidas, criando diversas formas e novos significados em relação à mensagem.

4.3 Violência, precariedade e políticas públicas

Angol. (2021) refere que os jovens que residem nas periferias, sofrem com diversos tipos de violências (físicas e psicológicas). Assim, muitos acabam optando em entrar para o tráfico de drogas, devido à falta de oportunidades e por sofrerem com as questões raciais. Uma das principais causas destes resultados é a falta de investimentos em políticas públicas, conforme mencionado anteriormente. Na reportagem "**O Brasil voltou no tempo: Se fosse um romance, a História do país desde a eleição de 2018 seria mais improvável do que aquela contada em “Submissão”, do francês Michel Houellebecq**" (O GLOBO, 2022). É apresentada uma crítica sobre o retrocesso do Brasil em diversas áreas, que vem afetando a população, especialmente de periferia. Destaco os seguintes trechos da reportagem:

“Para onde quer que se olhe é possível ver os sinais do retrocesso. De tal forma materializado, o recuo na educação e na cultura é quase palpável. Na educação, o Brasil deu um passo gigantesco para trás, não apenas no seu financiamento, mas também no seu método. A cultura no país sobrevive graças à sua pujança, mas a ausência da indução do Estado inviabiliza criações e inibe o surgimento de novos talentos nas favelas, nas periferias, no interior, além de solapar iniciativas que não tenham o selo do bolsonarismo”.

“Ainda mais grave é o consumo desenfreado de armas produzido por leis, portarias e decretos aprovados nos últimos três anos e meio. Estamos virando um novo EUA, não em razão da nossa potência, econômica, cultural, tecnológica e militar, obviamente não, que não a temos. Mas pelo uso indiscriminado de armas, pela facilidade na sua compra, pelo acesso praticamente ilimitado à munição. Pela proliferação de clubes de tiros, de falsos colecionadores e caçadores espalhados pelo país. A violência provocada pela intolerância política, que tem índices elevados no Brasil, tende a explodir na campanha deste ano diante do número de pessoas armadas do lado bolso arista.”

Martins (2020), escreve sobre o retrocesso social, e a desconstrução da proteção dos direitos humanos no Brasil, durante o governo Bolsonaro. A autora realiza uma linha do tempo sobre a evolução e conquistas dos direitos humanos no País e destaca como as interferências políticas operam diante das melhorias e rupturas das políticas públicas.

Em 2018, pelo então candidato à presidência, Jair Bolsonaro (PSL). Durante esse período, Bolsonaro utilizou a retórica anti-direitos como mecanismo de enfraquecimento da proteção e promoção desses direitos. Criou assim, umas 17 narrativas para justificar o reconhecimento dos direitos humanos apenas para alguns grupos sociais e, conseqüentemente, excluir outros. (MARTINS, 2020, p. 16)

Tal situação parece desconsiderar os casos de violência que envolvem zonas de periferia e, conseqüentemente, as vidas dos jovens que fazem parte delas. Nessa direção, algumas das reportagens observadas, tratam de "denunciar" os retrocessos que envolvem essas parcelas espaciais como em "**Mortes violentas de jovens de periferias e políticas públicas**", a qual fala sobre um centro social que atendia jovens e que foi fechado, assim como outros 30, por vereadores da cidade de São Paulo. Através disso, foi realizada uma pesquisa de dados, em relação a prevenção das mortes de crianças e adolescentes identificou-se que os lugares em que os projetos não atuam mais, apresentaram aumento das mortes em confronto com militares

Madeira e Gomes (2018), apontam que pesquisas que vêm sendo realizadas retratam a evolução da letalidade violenta contra jovens. Conforme os dados do Atlas da violência (Ipea; FBSP, 2016), no ano de 2004 até o ano de 2014, ocorreu um aumento na taxa de homicídio de afrodescendentes (18,2%) e a redução dos números de homicídios de outros sujeitos que não são da cor preta ou parda (14,6%). Tais situações podem ser vistas nos excertos que seguem:

Um jovem de 24 anos identificado como Eustáquio dos Santos Coelho, conhecido como Tanquinho, foi morto baleado na área de periferia da Zona Oeste de Macapá. O caso foi encaminhado para investigação da Polícia Civil. (O GLOBO, 2022)

Uma pesquisa inédita sobre a expansão de organizações criminosas no Rio revela que milícias e tráfico estão presentes em 96 dos 163 bairros da cidade. Nessas áreas subjugadas vivem cerca de 3,76 milhões de pessoas, do total de 6.747.815 habitantes — segundo estima o IBGE. (O GLOBO, 2022)

Diante da marca histórica de duas mil mortes em menos de um ano, a secretária de Segurança Pública do Rio Grande do Norte atribui a maioria delas ao tráfico de drogas e às disputas entre facções criminosas, que dependem desse mercado ilegal. Do total de assassinatos, cerca de 78% estão relacionados com o tráfico. [...] o perfil da vítima de assassinato no RN é homem jovem, com idade entre 19 e 24 anos, solteiro, pobre, vítima de arma de fogo em 90% dos casos. (O GLOBO, 2017)

Dois jovens, de 20 e 23 anos, foram presos por tráfico de drogas. Segundo a PM, os suspeitos foram abordados depois que os militares receberam denúncia anônima de tráfico de drogas no bairro. Ainda segundo a polícia, os dois são conhecidos do meio policial. (O GLOBO, 2022)

Nesse período, foram realizadas 35 operações que culminaram na prisão de 27 suspeitos. Também foram apreendidos adolescentes, drogas, armas, veículos e outros objetos. O delegado regional em Juiz de Fora, Armando Avalio Neto, também ressaltou que esse enfrentamento constante e diário ao tráfico de drogas, desarticulando a mercancia ilícita de entorpecentes, permanece de forma ininterrupta. (O GLOBO, 2022)

Analisando estas e outras reportagens que retratam a violência por meio do tráfico de drogas, do uso de armas, de homicídios e de confrontos policiais, entende-se que o problema de segurança pública já vinha sendo debatido desde dos anos 2000. Sousa (2005) já chamava atenção sobre essa problemática, remetendo que a violência no País aumentava e os mais afetados eram os jovens negros que moram nas periferias. Lemos et al (2017), trazem dados da pesquisa do IBGE de 2010, nos quais fica evidente que a violência presente nas periferias brasileiras obteve um aumento significativo, ampliando os índices de homicídios.

Estas problemáticas deveriam ser melhor analisadas e pensadas pelos governantes que gerenciam as populações, mas como vimos ao longo da análise, invés de ser investido em políticas públicas, a cada dia se tornam mais precárias as políticas sociais. O Estado é o órgão central de poder, ele "deve incumbir-se da vida, organizá-la e multiplicá-la, além de delimitar Suas chances e possibilidades biológicas, ao conhecer as condições de vida do indivíduo é possível calcular os perigos e assim evitá-los" (RECH, 2022 p. 26).

Algumas reportagens mostram o outro “lado da moeda”, como ***Projetos investem em educação para desviar jovens do caminho da criminalidade***, que retrata um projeto desenvolvido na periferia de Bauru (SP) enquanto exemplo de como a sociedade pode contribuir para que jovens em situação de vulnerabilidade social não vislumbre no crime sua única opção de “carreira”.

“Adolescentes aliciados pelo tráfico de drogas geralmente têm um destino sombrio em suas vidas. Depois que são apreendidos e levados para instituições com restrição de liberdade, poucos conseguem não fazer o caminho de volta para a criminalidade. Alunos do Projeto Formiguinhas contam com a participação de policiais militares que participam do PROER (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência). Os PMs vão para as salas de aula mostrar às crianças e adolescentes os riscos que as drogas representam. Eles tentam evitar que o tráfico forme novos “funcionários”. (O GLOBO, 2018)

Ingressar no tráfico não é muitas vezes uma opção espontânea destes jovens, já que na maioria dos casos isso ocorre pela falta de oportunidades. Este estilo de vida torna-se uma forma de sustento familiar, porque este jovem é estereotipado socialmente, não se encaixando no que seria visto como “normal”. Os jovens moradores de periferia são, por muitas vezes, vistos como “indivíduos considerados perigosos, como o “menor”, o “bandido”, o “vagabundo” e o “drogado”, desumanizando-os” (BARROS, 2017, p. 37).

Esta estimativa sobre os jovens é algo tão forte, que este jovem acaba não achando outra solução e se envolve no mundo do crime. Conforme Barros (2017), enfatiza que este jovem acredita que nasceu com a estimativa de morte, por viverem em um lugar que é considerado aos olhos sociais perigoso, sujo, violento e fora dos padrões normais. “Estabelece-se assim uma articulação entre anormalidade e risco/periculosidade social que incide, sobretudo, nas juventudes pobres que são estereotipadas” (p. 38).

Ainda, segundo o Observatório de Mortes e Violências LGBTQIA+ no Brasil (2022), o país vem sofrendo com os retrocessos e desinvestimentos no enfrentamento à violência de Gênero, estes dados colocam o Brasil como um dos países mais violentos do mundo para pessoas dissidentes da norma cis-pétreo-normativa. Ainda somos um País que sofre com a precariedade de políticas públicas, defasagem nas leis. Na reportagem, ***do tráfico à cozinha, homem trans. busca reescrever história na periferia de Campinas*** (O GLOBO, 2021), que apesar da reportagem estar falando de um sujeito que se reconhece pelo sexo masculino, ainda assim é chamado pelo seu nome feminino e, em nenhum momento, a reportagem dialoga sobre o seu nome social. Acredito que, neste caso, um dado preconceito está exposto, mesmo que tenha ocorrido por descuido.

Além desta matéria, apareceram mais três reportagens relacionadas à superação do tráfico de drogas nas periferias, elas retratam *projetos* que incentivam jovens a buscarem novas possibilidades de vida. ***Projetos sociais incentivam a leitura e alfabetizam crianças, jovens e adultos das periferias de Teresina***, a reportagem discorre sobre o frei Luciano, que entrou em contato com a associação dos bibliotecários do Piauí, para ajudar em relação à estrutura do acervo na biblioteca para que a leitura sirva de suporte para o afastamento do mundo do tráfico. Ainda, a violência vivida nas periferias é retratada no excerto que segue, retirado da reportagem **“Mortes no Jacarezinho: jovens fazem mutirão de grafite para cobrir buracos de tiros”** (O GLOBO, 2022).

Grafitado organizado pelos movimentos Abacá e Voltando à Escola trouxe à comunidade 30 artistas de rua de diferentes partes do país. Com a intenção de aliviar os efeitos desse trauma, a LabJaca, organização criada por jovens negros do Jacarezinho para produzir dados sobre a pandemia na comunidade, e a Voltando à Escola, movimento do artista plástico paulista Célio Santana que visa a trazer a arte de rua para dentro das escolas públicas do país, juntaram-se para cobrir com painéis de grafites os buracos de bala deixadas nos muros do Jacarezinho pela incursão policial.

Fotos da reportagem:

Mortes no Jacarezinho: jovens fazem mutirão de grafite para cobrir buracos de tiros



Finalizo os tensionamentos, respondendo à pergunta do capítulo 4.1, *Quem sou eu?* com o poema que foi escrito por mim, há dois anos, em uma disciplina do Programa de Pós Graduação da Universidade de Santa Cruz do Sul

I

O que você sabe de mim?
Meu nome pode ser José, Severino ou Benjamim.
Alguns nos associam aos altos dos morros
Cercado por gritos,
Mas sabemos que no Brasil não somos os favoritos.

~~~~~

II

Eu sou a “realidade” das telas,  
Estou no cinema, nas novelas, nas minisséries, nos noticiários e nos  
educandários. Posso ser a menina Maria e o moleque filho do seu Mário,  
Aquele que estudou tudo, mas vive tudo ao contrário.

~~~~~

III

Nem sempre é verdade o que você lê ou vê sobre mim,
A mídia nem sempre coopera, vou
te dizer que às vezes ela se supera.
Produz imagens, significações, saberes Que de
alguma forma se dirigem à "educação" dos indivíduos,
Ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que
vivem. Ave Maria, são poucos que sobrevivem,
Também olha o lugar onde vivem!

~~~~~

### VI

O que posso te afirmar  
É que nasci e cresci em um lugar diferente do seu.  
Pergunta pra Júlia, pra Anita  
Mas não pro Tadeu – o menino negro já faleceu.  
Aqui na favela vivemos com a precariedade e excluídos da sociedade. Quem  
disse isso não fui eu e sim a pesquisadora Caroline Dall Agnol (2019). Ela  
escreveu sobre mim:

“Como me veem?”,

“Como eu me vejo?”

E como eu almejo.

~~~~~

V

Mas Foucault (1978) vai dizer eu te avisei, aham sei...

Isso foi lá nos anos setenta
Ou você não estava atenta?

~~~~~  
VI

Como diria Jorge Ben Jor em sua música “vivemos em um País  
Tropical”: Ou “vivemos em um País Neoliberal?

O meu País tem carnaval e ao mesmo tempo um conservadorismo radical”.

~~~~~  
VII

Chegou a hora de eu concluir,
Não se preocupe, você vai ver e ouvir muito sobre mim.
Talvez no momento do seu café,
Na sua janta ou na hora que molhar as suas plantas.
Como a música do Rap diz:
Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter consciência que o pobre tem seu lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, nota-se que a mídia parte de dois vieses de informações sobre os jovens da periferia. A primeira parte do discurso de superação, trazendo histórias de vida de jovens que superaram os obstáculos e as dificuldades que envolvem o viver nas periferias. Assim, retratam histórias daqueles que conseguiram “se dar bem na vida” ou “ser alguém na vida”, mas ao mesmo tempo é realizada uma espécie de padronização das características físicas destes jovens, ou seja, são frequentemente apresentados como negros e pobres. Apesar de as reportagens buscarem apresentar mensagens de esperança, ao mesmo tempo reforçam a ideia comumente relacionada à esses jovens. Na segunda linha de reportagens, surgem os jovens marginalizados, que entram para o mundo do tráfico e vivem a violência, a precariedade de políticas públicas e a vulnerabilidade social. Nas reportagens os jovens são também caracterizados como negros, pobres e, ainda, passam a ser vistos como bandidos.

Nessa direção, destaco que a mídia é influenciada a partir dos movimentos políticos, culturais e sociais. Então, ela é uma grande influenciadora na formação de opiniões, educando as populações e muitos acabam reproduzindo estes discursos. Os meios de informação e de comunicação exercem a função de gerar novos significados e contribuem para a formação dos indivíduos e na área social e das identidades pessoais, bem como na produção de inclusões, diferenças e exclusões.

Então, entendo que a mídia educa, cria novos significados, interfere nas opiniões culturais, sociais, políticas e subjetivas através das realidades que retrata e produz ao mesmo tempo. É geradora de discursos e verdades, agindo de formas variáveis de linguagens por imagens, por textos, redes sociais, entre outros. E com o aumento da tecnologia e da informação cada vez tem se tornado de fácil acesso, ganhando espaço e mais compartilhamento.

Após a conclusão deste processo, penso em logo começar uma nova fase acadêmica, vejo que pela frente existem muitos paradigmas a serem quebrados, e uma das formas é através da pesquisa. Estudar tornou-se um ato de resistência, ainda mais quando viemos de uma família tradicional e quando vivemos em uma sociedade que preza ainda pelo tradicionalismo. É nítido

perceber que a Tagiani amadureceu, aprendeu a encarar as suas dificuldades e por mais que os caminhos não sejam fáceis, no final eles te trarão prazer.

Perceber que após nove anos ao ingressar na Universidade, ainda continuo me incomodando com os assuntos, a verdade é que meu senso crítico cada vez mais tem se tornado aguçado, quanto mais leio, mais quero ler, quanto mais estudo, mais quero me aprofundar, pois a educação me permite a me questionar sobre os acontecimentos. Não precisamos ser negros, para falarmos sobre o racismo, não é porque somos heteros que não iremos nos importar com a causa LGBTQIA+, não é porque nascemos em uma posição social privilegiada que as demais não importam, na verdade, tudo importa e deve ser olhado e refletir sobre o que vem acontecendo.

Estudar tornou-se um ato de resistência e de resiliência, sem precisar usar as “armas”, pois através da educação obtive a minha transformação de mundo e sentidos, antes coisas que passavam despercebidas, hoje já não passam mais. Quem diria que a Tagiani do futuro se tornaria uma educadora e reprodutora de saberes? Aprendi que a educação não nasceu para ser guardada para si, mas para ser compartilhada. Então, transferir conhecimento é,

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos nem formar é a ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro [...] (FREIRE, 2014, p. 25).

Tudo se resume em uma palavra, dedicação, é assim que eu diria para a Tagiani do passado. E agradecer pelas conquistas, uma delas é ter conseguido uma bolsa CAPES para estar cursando o mestrado, o qual deixo meu agradecimento aos projetos que proporcionam jovens estudarem e se aperfeiçoarem, para serem agentes de transformação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

AMOS, Karin. Governança e governamentalidade: relação e relevância de dois conceitos científico-sociais proeminentes na educação comparada. *Educação e Pesquisa*, v. 36, p. 23-38, 2010.

ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Nos rastros do conceito de pedagogias culturais: invenção, disseminação e usos. *Educação em Revista*, v. 33, 2017.

ARRUDA, Daniel Péricles. Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica. *Revista Katálysis*, v. 23, p. 111-121, 2020.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo; LEMES, Marilene Alves; SANTOS, Eliene Amorim. Histórias de vida de jovens egressos de medidas socioeducativas: entre a margem e a superação. *Educação*, v. 34, n. 3, 2011.

BASIL. Bernstein: Sociologia para a educação. *Educação crítica & utopia-Perspectivas para o século XXI*, p. 83-94, 2005.

Birman, Joel Jogando com a verdade. Uma leitura de Foucault. *Physis: Revista de Saúde Coletiva* [online]. 2002, v. 12, n. 2 [Acessado 6 Setembro 2022], pp. 301-324. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312002000200007>>. Epub 21 Jul 2008. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312002000200007>.

BERTOLINI, Jeferson. O conceito de biopoder em Foucault: apontamentos bibliográficos. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, v. 18, n. 3, 2018.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares. In: *Anais do X Congresso Nacional de Educação—ED Bonin, Iara Tatiana et al. Por Que Estudos Culturais? Educação & Realidade* [online]. 2020, v. 45, n. 2 [Acessado 9 Agosto 2022], e100356. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>>. Epub 22 Jun 2020. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>. UCERÉ. Curitiba: PUC-PR. 2011. p. 2390-2403.

BONIN, Iara Tatiana et al. Por Que Estudos Culturais?. *Educação & Realidade* [online]. 2020, v. 45, n. 2 [Acessado 9 Agosto 2022], e100356. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>>. Epub 22 Jun 2020. ISSN 2175-6236. <https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>.

CANDIOTTO, Cesar. Disciplina e segurança em Michel Foucault: a normalização e a regulação da delinquência. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, p. 18-24, 2012.

CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. *Transformação*. v. 29, p. 65-78, 2006.

CARDOSO, Danilo; GURGEL, Ivã. Por uma educação científica que problematize a mídia. *Linhas Críticas*, v. 25, 2019.

CARVALHO, E. R. de. ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana. *História Revista*, Goiânia, v. 7, n. 1, 2010. DOI: 10.5216/hr.v7i1.10492. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/10492>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CECARELLI, Michele Cristina Pedroso. Juventude excluída e políticas públicas: um olhar a partir de estudantes do ensino médio. 2021.

CERIGATTO, Mariana Pícaro. Educação, mídia e cultura digital na educação de jovens e adultos. *Horizontes*, v. 38, n. 1, p. e020046-e020046, 2020.

CHARÃO, Cristina. O longo combate às desigualdades raciais. *Desenvolvimento*, v. 70, p. 22-31, 2011.

COSTA, Tatiane Goudinho; CAETANEO, Marcio. JUVENTUDES, PERIFERIAS E PROJETOS SOCIAIS: EFEITOS E SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000013594.pdf>> Acesso em: 05 de set.2022

DAHER, Camila Marques Silva; DE PAIVA, Fernando Santana; BARCELLOS, Luciana Ferreira. Mídia, criminalização da juventude e adesão subjetiva à barbárie. *Revista Polis e Psique*, v. 12, n. 1, p. 239-266, 2022.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. *Revista Estudos Filosóficos UFSJ*, n. 4, 2017.

DARSIE, Camilo. Pós-pandemia, Neoliberalismo e Educação. In: Claudionei Lucimar Gengnagel. (Org.). *Ensino de ciências humanas: considerações, críticas e alternativas contemporâneas: volume II*. 1ed. Passo Fundo - RS: Editora da UPF, 2022, v. 2, p. 87101.

DINALI, Wescley; OLIVEIRA, Wanderley C. O adestramento do trabalhador no Controle da Qualidade Total: uma análise crítica a partir de Michel Foucault. *Mal-estar e Sociedade*, v. 2, n. 2, p. 73-90, 2009.

DUARTE, André. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. *Revista Cinética*, v. 1, p. 1-16, 2008

DUPRET, Leila. Subjetividade e arte de rua: 100% graffit. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 12, p. 413-421, 2008.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. *Revista Famecos*, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 151-170, 2001.

FISCHER, R. M. B. O estatuto pedagógico da mídia: Questões de análise. *Revista Educação e Realidade*, v. 22, n. 2., p. 59-80, 1997

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Organização, introdução e revisão técnica de Renato Machado. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013. FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Editora Paz e terra, 2014.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima; OLIVEIRA, Fernanda Pacheco; GIANECHINNI, Letícia Goldenberg; COMUNELLO, Luciele Nardini; PACHECO, Milena Leal. Pobreza, violência e trabalho: a produção de sentidos de meninos e meninas de uma favela. Psicologia em estudo. Vol. 8, n.1, p. 45-53, 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & realidade, v. 22, n. 2, 1997.

HALL, Stuart. (1980) "Introduction to Media at the Centre" in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. (1980) Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies 1972-1979. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York.

HENNIGEN, Inês; DE FÁTIMA GUARESCHI, Neuza Maria. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. Psicologia da Educação, n. 23, 2006.

HILLESHEIM, Betina. Políticas públicas e educação: desdobramentos para a pesquisa. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, v. 10, n. 3, p. 788-796, 2015.

KARLSSON, Joselaine. A SOLIDÃO DA MULHER NEGRA NO CIBERESPAÇO1

LARROSA, J. Palavras desde o limbo. Notas para outra pesquisa na educação ou, talvez, para outra coisa que não a pesquisa na educação. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 13, n. 27, p. 287-298, 2012.

LEGUIÇA, Michele Lopes. "Atira no coração dela": corpos e scripts de gênero na Educação Infantil. 2019.

MAIA, Iano Flávio de Souza. Na rua, na tela, no ciberespaço: a mídia de cada dia de jovens da periferia de Natal. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, p. 173-198, 2013.

MAIA, Aline. No passinho da nova classe média": Notas para um estudo sobre comunicação, juventude, periferia e consumo. 2014.

MATTIONI, Fernanda Carlise et al. Práticas de promoção da saúde como resistência e contraconduta à governamentalidade neoliberal. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3273-3281, 2022.

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo. Serviço Social & Sociedade, p. 463-479, 2018.

MACHADO, Muriel Magalhães; KUHN, Camila Mabel. A inserção de crianças e jovens no tráfico de drogas: reflexões a partir da psicologia social e a importância da mídia comunitária como instrumento de garantias. In: Anais do 3o Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade. Santa Maria: Mídias e Direitos da Soc em Rede, 2015.

MARTINS, Bruno Luís de Oliveira. A mídia enquanto produtora de subjetividades: uma análise do discurso sobre trabalho e pessoas trans. 2021.

MARTINS, THAINÁ LANA RODRIGUES. Retrocesso Social: a desconstrução da proteção dos direitos humanos no Brasil durante o governo Bolsonaro. 2020.

OBSERVATÓRIO DE MORTES LGT BRASIL GOV. 2022. Disponível em: <https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/canal-de-denuncia/lgbtfobia/?gclid=CjwKCAjwpKyYBhB7EiwAU2Hn2ZlcS0ItxqGiTXxHKoOE8MvB8ospLtXZsAw75V0_9cNzAneRbVz5RxoCzJQQA_vD_BwE> Acesso em: 25 de agosto de 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. 2011: Ano Internacional das e dos Afrodescendentes. ONU: 2011. Disponível em: Acesso em: 25 de agosto de 2022.

PACÍFICO, Isadora Maria Romano et al. A mídia como dispositivo de poder: os impeachments no Brasil em discurso. 2020.

PELBART, P. P. Vida capital: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PRYSTHON, Ângela; SOUZA, G. Negociações na periferia: mídia e jovens no Recife. In: Salvador: INTERCOM–Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2002.

RECH, Rafaela. Educação de mulheres e ensino normal na primeira metade do século XX no Brasil. 2022.

REPORTAGEM: O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2021 <https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>

_____. Startup capacita jovens da periferia para trabalhar no setor de tecnologia 2017 <https://g1.globo.com/empreendedorismo/pegn/noticia/2022/06/19/startup-capacita-jovens-da-periferia-para-trabalhar-no-setor-de-tecnologia.ghtml>

_____. As estratégias de jovens das periferias em busca de oportunidades 2017 <https://oglobo.globo.com/rio/as-estrategias-de-jovens-das-periferias-em-busca-de-oportunidades-21897103>

_____. Jovens negros de periferias se preparam para contar suas histórias no cinema e na televisão 2019 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/10/19/jovens-negros-de-periferias-se-preparam-para-contar-suas-historias-no-cinema-e-na-televisao.ghtml>

_____. Mortes violentas de jovens de periferias e políticas públicas 2022 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp2/video/relatorio-de-comissao-da-camara-municipal-de-sp-analisa-mortes-violentas-de-jovens-da-periferia-10672586.ghtml>

_____. Jovens de periferia debatem a importância de maior participação na política 2017 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/sp2/video/relatorioJovens%20de%20periferia%20debatem%20a%20import%C3%A2ncia%20de%20maior%20participa%C3%A7%C3%A3o%20na%20pol%C3%ADtica-de-comissao-da-camara-municipal-de-sp-analisa-mortes-violentas-de-jovens-da-periferia-10672586.ghtml>

_____. Jovens de comunidades desenvolvem projetos para melhorar a vida na periferia 2017 <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/jovens-de-comunidades-desenvolvem-projetos-para-melhorar-vida-na-periferia-24123582>

_____. Projeto social leva jovens da periferia ao centro de São Paulo 2019 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2019/05/31/projeto-social-aproxima-jovens-da-periferia-ao-centro-de-sao-paulo.ghtml>

_____. Cadê meu trampo? Potências Periféricas – o papel dos projetos sociais na empregabilidade do jovem 2022 <https://g1.globo.com/podcast/cade-meu-trampo/noticia/2022/02/28/cade-meu-trampo-06-potencias-perifericas-o-papel-dos-projetos-sociais-na-empregabilidade-do-jovem.ghtml>

_____. Jovens de periferias criam iniciativas em busca de um futuro melhor 2019 <https://oglobo.globo.com/rio/as-estrategias-de-jovens-das-periferias-em-busca-de-oportunidades-21897103>

_____. Movimento apoia e protege jovens LGBT da periferia 2022 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/05/17/movimento-apoia-e-protege-jovens-lgbt-da-periferia.ghtml>

_____. Jovem de periferia do ES tem a vida transformada através da música 2019 <https://g1.globo.com/es/espirito-santo/noticia/2019/12/13/jovem-de-periferia-do-es-tem-a-vida-transformada-atraves-da-musica.ghtml>

_____. Prefeitura de SP fechou centros de convivência para adolescentes em bairros com mais homicídios 2022 <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/15/prefeitura-de-sp-fechou-centros-de-convivencia-para-adolescentes-em-bairros-com-mais-homicidios.ghtml>

_____. Grupo de jovens de várias periferias da Grande BH assiste ao filme 'Medida Provisória' 2022 <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/video/grupo-de-jovens-de-varias-periferias-da-grande-bh-assiste-ao-filme-medida-provisoria-10556128.ghtml>

_____. Jovens da periferia de Nazaré da Mata, na Mata Norte, descobrem talento na pintura 2022 <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/ne1/video/jovens-da-periferia-de-nazare-da-mata-na-mata-norte-descobrem-talento-na-pintura-10575753.ghtml>

_____. Pacto pela Juventude oferece bolsas de R\$ 500 para líderes locais; veja como se inscrever 2022 <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/ne1/video/jovens-da-periferia-de-nazare-da-mata-na-mata-norte-descobrem-talento-na-pintura-10575753.ghtml>

_____. Jovem morador da periferia cria serviço de delivery para atender locais de baixa renda em Salvador 2020 <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/07/06/jovem-morador-da-periferia-cria-servico-de-delivery-para-atender-locais-de-baixa-renda-em-salvador.ghtml>

_____. Entidade abre inscrições para curso de Jovens Multiplicadoras de Cidadania em Porto Alegre 2022 <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/05/05/entidade-abre-inscricoes-para-curso-de-jovens-multiplicadoras-de-cidadania-em-porto-alegre.ghtml>

_____. Jovem da periferia de SP vira roteirista de filme estrelado por Rodrigo Santoro: 'cheguei a chorar' 2022 <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2022/01/05/jovem-da-periferia-de-sp-vira-roteirista-de-filme-estrelado-por-rodrigo-santoro-cheguei-a-chorar.ghtml>

_____. Projetos sociais incentivam a leitura e alfabetizam crianças, jovens e adultas das periferias de Teresina 2022 <https://g1.globo.com/pi/piaui/piaui-de-riquezas/noticia/2022/05/28/projetos-sociais-incentivam-a-leitura-e-alfabetizam-criancas-jovens-e-adultas-das-periferias-de-teresina.ghtml>

_____. Jovem de 24 anos é morto baleado em periferia de Macapá; atirador fugiu 2022 <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2022/06/01/jovem-de-24-anos-e-morto-baleado-em-periferia-de-macapa-atirador-fugiu.ghtml>

_____. Jovem da periferia do Recife passa em seleção para estágio científico na Universidade de Harvard em disputa internacional 2022 <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/05/16/jovem-da-periferia-do-recife-passa-em-selecao-para-estagio-cientifico-na-universidade-de-harvard-em-disputa-internacional.ghtml>

_____. 78% das mortes têm relação com o tráfico de drogas, diz secretária de Segurança do RN 2017 <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/78-das-mortes-tem-relacao-com-o-traffic-de-drogas-diz-secretaria-de-seguranca-do-rn.ghtml>

_____. Jovens, de 20 e 23 anos, são presos por tráfico de drogas em Aimorés 2022 <https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2022/06/14/jovens-de-20-e-23-anos-sao-presos-por-traffic-de-drogas-em-aimores.ghtml>

_____. Rio tem 3,7 milhões de habitantes em áreas dominadas pelo crime organizado; milícia controla 57% da área da cidade, diz estudo 2020 <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/10/19/rio-tem-37-milhoes-de-habitantes-em-areas-dominadas-pelo-crime-organizado-milicia-controla-57percent-da-area-da-cidade-diz-estudo.ghtml>

_____. Projetos investem em educação para desviar jovens do caminho da criminalidade 2018 <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2018/12/12/projetos-investem-em-educacao-para-desviar-jovens-do-caminho-da-criminalidade.ghtml>

_____. 78% das mortes têm relação com o tráfico de drogas, diz secretária de Segurança do RN 2017 <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/78-das-mortes-tem-relacao-com-o-traffic-de-drogas-diz-secretaria-de-seguranca-do-rn.ghtml>

_____. Do tráfico à cozinha, homem trans busca reescrever história na periferia de Campinas 2021 <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2021/06/30/do-traffic-a-cozinha-mulher-trans-busca-reescrever-historia-na-periferia-de-campinas.ghtml>

_____. Suspeito de tráfico de drogas é preso com dois drones e entorpecentes na periferia de Fortaleza 2022 <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2022/01/30/suspeito-de-traffic-de-drogas-e-presos-com-dois-drones-e-entorpecentes-na-periferia-de-fortaleza.ghtml>

_____. Balanço da Polícia Civil aponta redução no tráfico de drogas no 1º trimestre de 2022 em Juiz de Fora; veja os dados 2022 <https://g1.globo.com/mg/zona-da>

mata/noticia/2022/04/13/balanco-da-policia-civil-aponta-reducao-no-traffic-de-drogas-no-1o-trimestre-de-2022-em-juiz-de-fora-veja-os-dados.ghtml

_____. Jovem é preso por tráfico de drogas em Guanhães 2021
<https://g1.globo.com/mg/vales-mg/noticia/2022/06/13/jovem-e-preso-por-traffic-de-drogas-em-guanhaes.ghtml>

_____. De alfabetização digital a TV Pelourinho: soluções para problemas do país também vêm das periferias 2022 <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/08/as-periferias-no-centro-do-brasil-solucoes-para-problemas-do-pais-tambem-vem-das-margens.ghtml>

_____. Ações da Fiocruz durante a pandemia ajudaram na saúde mental e educação nas periferias 2022 <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2022/06/acoes-da-fiocruz-durante-a-pandemia-ajudaram-na-saude-mental-e-educacao-nas-periferias.ghtml>

_____. Câmeras reduzem matança policial em 80%, mas são atacadas por candidatos em SP 2022 <https://oglobo.globo.com/blogs/bernardo-mello-franco/post/2022/07/cameras-reduzem-matanca-policial-em-80-mas-sao-atacadas-por-candidatos-em-sp.ghtml>

_____. Da Flup às Bienais de Rio e SP, pesquisa revela perfil do público de eventos literários: Estudo realizado pelo Instituto Pró-Livro e pelo Itaú Cultural afirma que a Bienal de São Paulo atrai visitantes mais brancos e ricos; frequentadores da Flup são os que mais leem 2022 <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2022/08/pesquisa-revela-perfil-do-publico-de-eventos-literarios.ghtml>

_____. Estudantes pela democracia: O Dia do Estudante catalisa o desejo da maioria pela garantia de lisura nas eleições, em resistência às investidas golpistas contra as urnas eletrônicas 2022 <https://oglobo.globo.com/opiniao/artigos/coluna/2022/08/estudantes-pela-democracia.ghtml>

_____. Curso ensina jovens negras de favelas e periferias a se destacar nas redes sociais 2021 <https://extra.globo.com/noticias/rio/curso-ensina-jovens-negras-de-favelas-periferias-se-destacar-nas-redes-sociais-25137337.html>

_____. Videogame imersivo traz realidade da periferia em 360° 2021 <https://revistapegn.globo.com/Tecnologia/noticia/2021/08/videogame-imersivo-traz-realidade-da-periferia-em-360.html>

_____. Combate à pobreza exige inovação 2022 <https://oglobo.globo.com/opiniao/edu-lyra/post/2022/03/combate-pobreza-exige-inovacao.ghtml>

_____. O Brasil voltou no tempo: Se fosse um romance, a História do País desde a eleição de 2018 seria mais improvável do que aquela contada em “Submissão”, do francês Michel Houellebecq 2022 <https://oglobo.globo.com/politica/ascanio-seleme/coluna/2022/07/o-brasil-voltou-no-tempo.ghtml>

_____. Vítimas da desigualdade: 32% das mulheres jovens negras estão sem estudar e sem emprego 2022 <https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/vitimas-da-desigualdade-32-das-mulheres-jovens-negras-estao-sem-estudar-sem-emprego-25160465>

_____. Mortes no Jacarezinho: jovens fazem mutirão de grafite para cobrir buracos de tiros 2022 <https://oglobo.globo.com/rio/mortes-no-jacarezinho-jovens-fazem-mutirao-de-grafite-para-cobrir-buracos-de-tiros-25026670>

REZENDE, Claudia Barcellos. Histórias de superação: parto, experiência e emoção. Horizontes Antropológicos, v. 25, p. 203-225, 2019.

ROCHA, Everardo; PEREIRA, Cláudia. Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2009.

ROCHA, Rachel Gonçalves; DARSIE, Camilo. A (DES) CIDADANIA PRESENTE NAS “FAKE NEWS”. Jornada Acadêmica do Programa de Pós-graduação em Educação da Unisc, v. 3, n. 3, 2022.

SILVA, Mozart Linhares. Biopolítica, educação e eugenia no Brasil (1911-1945). Revista Ibero-americana de estudos em educação, v. 8, n. 4, p. 900-922, 2013.

SILVA, Jailson. Violência nas comunidades e nas ruas. Até quando? In: UNICEF (org.). Direitos Negados. A violência contra a criança e o adolescente no Brasil. Brasília, UNICEF, 2005.

SOUZA, C. D. de. AS CAMPANHAS DE PROMOÇÃO DA SAÚDE E SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES SÓCIOESPACIAIS ENTRE FUMANTES E NÃO FUMANTES NO ESPAÇO PÚBLICO. Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, [S. l.], v. 7, n. 12, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/17020>. Acesso em: 2 set. 2022.

SOUZA, Camilo Darsie de. Educação, geografia e saúde: geobiopolíticas nos discursos da organização mundial da saúde e a produção da mundialidade pelo controle e prevenção de doenças. Porto Alegre: UFRGS, 2014 (Tese de Doutorado).

TAKARA, Samilo. Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia. Revista Brasileira de Educação, v. 26, 2021.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre mídia, educação e Estudos Culturais. Pesquisa em educação: múltiplos olhares. Maringá: Eduem, p. 151-165, 2009.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

TOLEDO, Juliana Aparecida Cantarino et al. A influência da mídia na estigmatização de jovens e lugares da cidade. Anais do XIII Simpósio de Geografia Urbana, 2013.

VERBICARO, Dennis; VERBICARO, Loiane Prado; MACHADO, Ana Victória Delmiro. A Sociedade juridificada e o desmoronamento simbólico do homem democrático: relações entre judiciário, mídia e opinião pública. Revista Jurídica, v. 3, n. 52, p. 190-212, 2018.

VEYNE, P. Foucault: seu pensamento, sua pessoa. Tradução de Marcelo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WOLTON, Dominique. Information et communication: dix chantiers scientifiques, culturels et politiques. Hermès, La Revue, n. 1, p. 175-182, 2004.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. Educação, PUCRS, Porto Alegre, v. 38, n. 1, jan./abr. 2015 p.32-48